



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO APLICADA

Representação mediática dos idosos nos Jornais ***Público e Correio da Manhã***

Dissertação submetida para obtenção do grau de Mestre
em Comunicação Aplicada
Especialidade em Estudos Aplicados ao Jornalismo

Rafael Cornélio Silva Júnior

Orientador:
Professor Doutor Bruno Miguel Caniço Reis

Lisboa
Dezembro de 2017

Agradecimentos

A Deus por me conceder saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador Bruno Reis, pelo suporte, correções e incentivos.

A todos os que tive o privilégio de ter como professores, aos colegas de curso, na Universidade Autónoma de Lisboa.

Aos funcionários da hemeroteca de Lisboa e da biblioteca São Lázaro, que sempre foram muito educados e solícitos.

À minha mãe Roseli Cássia e ao meu pai Rafael Cornélio (in memória), pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu avô António Leão, por ser o idoso que mais me inspirou a fazer este trabalho.

À minha irmã Camila Cássia e cunhado Klaiton Lopes e ao meu sobrinho Miguel Lopes, por todo carinho e atenção.

Ao meu filho Caio Guilherme por me esperar com tanta paciência.

Aos meus amigos Wagner Dorneles, Davi Anjos, Alcione Scarpin, Deura Summer, Cátia Colaço, Tiago Niwa e Paulo Monteiro, por todas as palavras de encorajamento.

Aos amigos de infância e os novos amigos feitos em Portugal, por me acompanharem com palavras de companheirismo.

Resumo

Este trabalho resulta de uma investigação de Mestrado que tem como objeto de estudo a construção da representação mediática dos idosos nos jornais *Correio da Manhã* e no *Público*, entre 2005 até 2015. A presente tese tem como objetivo perceber o fenómeno do envelhecimento bem como suas tipologias. As questões relacionadas com os idosos são hoje uma realidade da sociedade portuguesa e, devido a esse motivo, resolvemos estudar a representação dos mesmos nos jornais mais vendidos em Portugal. A imagem que este grupo etário tem perante a opinião pública depende, em grande parte, das representações que os média transmitem. Considerando que as lógicas que atravessam a construção noticiosa não são homogêneas, procedeu-se a uma análise de conteúdo na capa dos dois jornais, ao separar as notícias com o tema “idoso”, agrupá-las e a seguir analisá-las. Nesta dissertação, os principais resultados da investigação são apresentados como a representação do idoso, no jornal *Correio da Manhã*, enquanto um idoso passivo e sem identidade em termos da caracterização formal das notícias; já no *Público* nota-se que o idoso é retratado como uma figura pacífica, como uma referência social e, também, protagonista nas notícias.

Palavras-Chave:

Idosos; Análise mediática; Representação dos Idosos; Jornais.

Abstract

This work is the result of a Master 's research that has as object of study the construction of the media representation of the elderly in the newspapers *Correio da Manhã* and *Público*, between 2005 and 2015. The present thesis has as objective to perceive the aging phenomenon as well as its typologies. The issues related to the elderly are now a reality of Portuguese society, that's why we have decided to study their representation in the most sold newspapers in Portugal. The image this age group has before the public opinion largely depends on the representation transmitted by the media. Considering that the logics that pervade the construction of the news are not homogeneous, it was analyzed the cover of the two newspapers, separating the news by the theme "elderly", and then grouping and analyzing them. In this dissertation, the main results of the investigation are presented as the representation of the elderly, in the newspaper *Correio da Manhã*, as a passive elderly person, with no identity in terms of the formal characterization of the news; otherwise, in *Público* newspaper, it is noticed that the elderly is portrayed as a peaceful figure, as a social reference and, also, protagonist in the news.

Keywords:

Elderly; Media analysis; Representation of the Elderly; Newspapers.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS.....	6
LISTA DE TABELAS.....	6
INTRODUÇÃO	7
1. O ENVELHECIMENTO: AS DISTINTAS DIMENSÕES DO FENÓMENO SOCIAL.....	9
1.1 A contextualização sobre o envelhecimento	9
1.2. Velhice: o conceito desde diferentes olhares	12
1.2.1. O envelhecimento individual: cronológico e biopsicológico.....	14
1.2.2. O Envelhecimento coletivo: demográfico e social	17
1.3. A entrada na terceira idade e seus receios	19
2. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE; O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS.....	26
2.1 A teoria das representações sociais	26
2.2 A construção mediática da velhice	29
3. METODOLOGIA.....	35
3.1. Análises de conteúdo	35
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO	48
5. CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O campo de estudos da representação social.	27
Figura 2 - Exemplos de capas do jornais Público e Correio da Manhã.	42
Figura 3 - Exemplo de notícia do jornal Correio da Manhã.	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grelha de Análise de Conteúdo usada para codificar as peças jornalísticas do estudo.	41
Tabela 2 - Total de notícias sobre idosos nos jornais Correio da Manhã e Público (2005-2015).	49
Tabela 3 - Categorização temática das peças acerca dos idosos nos jornais Correio da Manhã e Público.	50
Tabela 4 - Extensão da notícia do jornal Correio da Manhã e Público.	53
Tabela 5 - Secção do jornal Correio da Manhã e Público.	55
Tabela 6 - Posição da capa do jornal Correio da Manhã e Público.	56
Tabela 7 - Género jornalístico no jornal Correio da Manhã e Público.	58
Tabela 8 - Atores encontrados no jornal Correio da Manhã e Público.	59
Tabela 9 - Polarização dos jornais Correio da Manhã e Público.	62

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação iremos tratar o seguinte tema: A representação mediática dos idosos nos jornais de “*Correio da Manhã*” e “*Público*” dos anos de 2005 até 2015.

Escolhemos este tema, pois constatamos que diante do expressivo envelhecimento da população portuguesa (Pordata 2016), denotamos ausência de estudos acerca da forma como os meios de comunicação tratam as questões relacionadas com a velhice. A escolha do tempo de análise, de 2005 até 2015, foi equacionada tendo em linha de conta uma década como um período temporal estável para tentar perceber o discurso que os jornais produzem sobre o tema em questão.

A dissertação foi dividida da seguinte forma: uma primeira parte onde problematizamos acerca da velhice, construímos um quadro teórico que nos permite discutir as distintas dimensões do fenómeno social da velhice e a forma como este aspeto é tratado mediaticamente. No ponto 1 discutimos o envelhecimento demográfico, numa escala mundial e depois a velhice em Portugal e seus receios. No ponto 2 trataremos a questão social e histórica acerca da terceira idade que surge como um assunto a ser estudado na teoria das representações sociais.

Uma segunda parte, iniciada no ponto 3 onde apresentamos a metodologia de análise de conteúdo que utilizamos para tratar as notícias nos jornais *Correio da Manhã* e *Público* para encontrar as possíveis respostas e objetivos retratados mais abaixo. Pretende-se investigar, na capa dos referidos jornais, as notícias sobre as representações sociais do idoso através da maneira como estas vêm sendo abordadas nos textos jornalísticos. No ponto 4 analisamos as notícias e produzimos a respetiva sistematização dos dados.

A presente dissertação visa responder à seguinte pergunta:

As representações sociais dos idosos tendem por um tratamento jornalístico diferenciado nos jornais *Correio da Manhã* e *Público*?

O objetivo principal é perceber o fenómeno do envelhecimento bem como suas tipologias. E os objetivos secundários são compreender os critérios dos jornais para a representação dos idosos e entender se a imagem do idoso transmitida pelos jornais é semelhante com a imagem do idoso na sociedade atual.

Para se compreender melhor sobre a representação mediática dos idosos, resolvemos fazer uma análise de conteúdo sobre o enquadramento do tema nas páginas dos jornais para verificarmos como são representados.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são criadas pela necessidade de saber como se ajustar, se comportar no mundo, dominando fisicamente ou intelectualmente, assim como identificar e resolver os problemas que se apresentam: “Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta” (Jodelet, 2001:17).

De acordo com Debert (2008), as transformações relevantes ocorridas no curso da vida explicam as novas formas de gestão da velhice e as novas imagens do envelhecimento. As idades são tidas como mecanismos privilegiados na criação de atores políticos e na definição de mercados de consumo.

Sendo assim, podem ser analisadas em várias ocasiões, pois, nos discursos, são veiculadas em mensagens e imagens mediáticas e cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais. Ao mesmo tempo, apoiam-se em valores variáveis segundo os grupos sociais de onde tiram as suas significações e em saberes anteriores, os quais são lembrados por uma situação social específica, segundo afirma Jodelet (2001).

As instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da media são fatores determinantes na construção representativa, uma vez que abrem caminho a processos de influência e de manipulação social, intervindo, dessa maneira, na elaboração das representações. Assim, destaca-se a importância da comunicação social, que, sob os seus aspetos interindividuais, institucionais e mediáticos, emerge como condição de possibilidade e determinação das representações sociais (Jodelet 2001).

Nesse sentido, surge o interesse em se analisar o discurso veiculado nos dois jornais referidos anteriormente, sobre o tema envelhecimento e responder à pergunta de partida e os objetivos retratados acima.

1. O ENVELHECIMENTO: AS DISTINTAS DIMENSÕES DO FENÓMENO SOCIAL

Neste capítulo pretende-se abordar o envelhecimento demográfico, primeiramente numa escala mundial e posteriormente ao apresentar a velhice em Portugal. Por isso, destaca-se, no capítulo subsequente, acerca da contextualização sobre o envelhecimento em uma escala global. A partir dessa breve compreensão, busca-se tratar em um segundo momento, sobre o envelhecimento em Portugal, juntamente com suas tipologias e o envelhecimento individual e coletivo. Pois, ao compreender o conceito de envelhecimento em vários pontos distintos da sociedade podemos fazer uma relação com os dados encontrados nas análises das notícias nos jornais.

1.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento da população é um fenómeno de amplitude mundial. A OMS (Organização Mundial de Saúde) prevê que em 2025 exista 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo que os muito idosos (com 80 ou mais anos) constituem o grupo etário de maior crescimento (OMS, 23 2001). Ainda de acordo com a mesma fonte, a maior parte dessas pessoas (aproximadamente 75%) vive nos países desenvolvidos. Portugal é hoje um dos países do mundo onde a população idosa tem mais peso, ocupando o 8º lugar no ranking dos países mais envelhecidos, com critério de classificação definido como proporção de indivíduos na população que têm idade igual ou superior a 60 anos (UN, 2009).

As estimativas mais recentes, de acordo com as projeções do Instituto Nacional de Estatística (INE), apontam para um peso da população acima dos 65 anos de idade superior já a 18% da população total do país. Está em franco crescimento, em particular, a proporção de indivíduos com 80 anos ou mais, estimada na ordem dos 5% da população portuguesa.

Foram esses fatores acima citados, onde constam os dados da população idosa portuguesa, os principais motivadores para a escolha do tema: A representação dos idosos nos jornais “*Correio da Manhã*” e “*Público*” dos anos de 2005 a 2015.

Segundo o sociólogo Paulo Machado (2003:2), o autor retrata de forma histórica a quantidade de idosos no passado, presente e projeções para o futuro:

No início do século XXI, aproximadamente de 420 milhões excederam os 65 anos de idade, representando 7% dos mais de seis mil milhões de seres humanos. A maior parte dos idosos (59%) vive nas regiões mais precárias do planeta, mas as mudanças que se vêm registando nos últimos anos – o aumento da esperança média de vida e com a diminuição da fecundidade – fazem prever que, em meados do século, a proporção de idosos nessas regiões quase triplique em relação ao atual valor. Assim, calcula-se que mais de 1,1 mil milhões de idosos (ou seja, mais de 3/4 da população mundial envelhecida) viverá em 2050 nas regiões menos desenvolvidas.

O envelhecimento da população é hoje um fenómeno mundial. O aumento da perspectiva de vida não é mais um privilégio dos países desenvolvidos. Entretanto, somente nas últimas décadas é que voltaram a sua atenção para as questões científicas, políticas, económicas, culturais, sociais e de saúde provocadas por esse fenómeno, em grande escala. Desde a década de 80, a maior parte dos idosos vive em países subdesenvolvidos, facto que se opõe à crença de que a longevidade está associada somente aos países mais desenvolvidos, como ocorre na Europa ou na América do Norte (Veras, 2000).

O aumento do número de idosos, bem como a maior longevidade do ser humano, não deve ser considerado um problema, pois são conquistas decorrentes do processo de envelhecimento social. Cabe, pois, à sociedade criar condições para que o homem, ao viver mais tempo, possa usufruir de melhores condições de vida, considerando as alterações normais do processo de envelhecimento. No entanto, são muitas as dificuldades enfrentadas pelos idosos no decorrer da velhice, sendo que várias delas são decorrentes da fragilidade e vulnerabilidade próprias do estado fisiológico. Tais estados podem torná-los potenciais vítimas da crescente violência social (Gaioli, 2004).

Segundo a Pordata (2016), o índice de sustentabilidade potencial (relação entre a população em idade ativa e a população idosa) permite analisar as consequências do fenómeno do envelhecimento nos sistemas de proteção social. Apresentam nas sociedades contemporâneas preocupações quanto à viabilidade das transferências de rendimento mundial, sinalizando que o modelo de contrato social sobre que se fundou o Estado-providência nos últimos cinquenta anos precisa ser reformado.

Portugal é muitas vezes referido como um dos países mais envelhecidos da União Europeia, onde 20% da população têm mais de 65 anos. Os dados divulgados pela (Pordata¹, 2016) ajudam a compreender melhor quem são e como vivem os idosos portugueses.

Assim, de acordo com a mencionada base de dados, Portugal é o quarto país da União Europeia com maior percentagem de idosos, logo a seguir a países como Itália e Grécia. Desde os anos 60, o número de pessoas com mais de 65 anos aumentou de cerca de 700 mil para mais de dois milhões, acompanhando a diminuição do número de nascimentos. Na década de 70, por cada idoso com mais de 65 anos existiam duas crianças com menos de 10. Atualmente, as estatísticas mostram exatamente o oposto — por cada criança com menos de 10 anos existem cerca de dois idosos.

Novas formas de solidariedade formal intergeracional terão que surgir em um Portugal (e num Mundo) envelhecido deste novo século. A evolução do Índice de Sustentabilidade Potencial (com uma diminuição estimada de 4,1 para 1,9 ativos por idoso entre 2001 e 2050) não permitirá grande criatividade na engenharia financeira da Segurança Social.

O perfil sociológico do idoso no Portugal contemporâneo – marcado por um desfavorecimento social agravado principalmente pela idade, em que sobressaem baixos níveis de rendimento, elevada iliteracia e alto índice de analfabetismo. Além disso, verifica-se uma precariedade das condições habitacionais, elevada taxa de incidência da deficiência e de prevalência de doenças crónicas, isolamento social, diminuição da atividade profissional, assim como reduzido consumo cultural e de atividades de lazer fora de casa. Este perfil irá também ele sofrer mudanças significativas e de sinal positivo, segundo Machado, (2003).

Para aprofundar mais o assunto, no próximo pronto iremos abordar o conceito de velhice e as suas características na sociedade atual.

¹ Base de dados organizada pela Fundação Francisco Manuel dos Santos.

1.2. VELHICE: O CONCEITO DESDE DIFERENTES OLHARES

A origem etimológica da palavra velhice provém de velho, que procede do latim *veclus*, *vetulusm* definidos como «pessoa de muita idade», segundo Magalhães (2004). Costa (2002:37) define o envelhecimento como “processo experiencial subjetivo, que pode definir-se como a autorregulação exercida através de decisões e escolhas para a adaptação ao processo de senescência.” Acrescenta-se um novo conceito na definição de envelhecimento: a senescência. Segundo o mesmo autor, o envelhecimento é um processo da mudança do corpo humano com o tempo, sendo que da senescência resulta um aumento da vulnerabilidade e a probabilidade de morte.

Embora não exista ainda uma base fisiológica, psicológica, ou social que permita indicar o seu início, o envelhecimento traduz-se por uma diminuição das capacidades de adaptação ao meio e às agressões da vida (Costa, 2002). As diferenças de envelhecimento entre os seres humanos permitem dizer “envelhecimentos” em vez de “envelhecimento”, porque cada ser humano, portador de uma carga genética única, alcança um envelhecimento diferente, de acordo com a nutrição, estilo de vida e o meio em que se vive. Birren e Renner (1977) descrevem o significado de envelhecer como as mudanças aceitáveis, que ocorrem em organismos geneticamente maduros, que vivem em condições ambientais específicas, à medida que a idade cronológica progride.

Cada indivíduo adquire diferentes fatores, entre elas o biológico, psicológico, sociológico, cultural e espiritual, ao interagir com o ambiente que o envolve. Nesta perspetiva, a pessoa idosa resulta, normalmente, da fixação de uma idade cronológica que são os 60 ou 65 anos, a qual tem vindo a perder algum sentido social, uma vez que a longevidade e a qualidade de vida destas pessoas vão alterando, criando uma nova perceção deste fenómeno, o envelhecimento (Moniz, 2003).

Uma reflexão que permite pensar esta complexidade do fenómeno é proposta por Papaléo Netto (2002:10):

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte [...] Às manifestações somáticas da velhice, que é a última fase do ciclo da vida, as quais são caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície e redução da

capacidade de trabalho e da resistência, entre outras, associam-se a perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas.

Pode-se notar que nesta análise destaca-se a ideia do envelhecimento no aspecto biológico e as suas consequências no nível individual. Vários autores exploraram o tema nesta perspectiva. Simone de Beauvoir (1990), por exemplo, acredita que só se falará em velhice quando, além de ser um idoso, ter deficiências, quando as perdas biológicas não forem mais esporádicas e contornáveis, tornando-se importantes e irremediáveis causando fragilidade e impotência.

Domenico De Masi (2000) destaca que a velhice se reduz aos últimos dois ou três anos que precedem a morte, que geralmente são marcados por inabilidades físicas ou psíquicas. O mesmo autor afirma que “basta observar a progressão das despesas médicas e farmacêuticas: no último ano de vida nós gastamos uma quantia equivalente a que tínhamos gasto durante toda a vida até aquele momento. E o último mês custa tanto quanto o último ano inteirinho. Portanto a velhice é calculada não a partir do ano de nascimento, mas tendo como referência a morte” (2000:275).

Yates (1993) considera o envelhecimento como um processo termodinâmico de quebra de energia, que é geneticamente determinado e condicionado ambientalmente, deixando resíduos que progressivamente aumentam a probabilidade de ocorrência de muitas doenças, de acidentes e de instabilidades dinâmicas, que por fim resultam na morte, e este também se manifesta por declínio da integridade funcional de um órgão, tecido ou células particulares, ou como uma falha de cooperação entre componentes biológicos, ou ainda pelo aumento, com a idade, da associação entre funções que causam instabilidade dinâmica.

É importante frisar que o envelhecimento, por ser um fator biológico e cultural, deve ser observado sob uma perspectiva histórica e contextualizado. O tratamento face à velhice dependerá dos valores e da cultura de cada sociedade em particular, onde construirá sua visão dessa última etapa da vida.

Segundo Peixoto (1998), a introdução da noção de terceira idade representa uma importação das denominações adotadas pelas políticas públicas francesas, sendo o termo ‘velho’ gradativamente substituído por ‘idoso’ nos documentos oficiais.

De acordo com Paúl e Fonseca (2005), o envelhecimento com base na teoria do caos pode ser definido como um processo de aumento de entropia com a idade, da qual pode surgir a ordem ou a desordem. A dinâmica do envelhecimento trata da série finita

de mudanças em direção a uma maior desordem e estruturas ordenadas de maior diferenciação (ser único).

Entretanto, as ambiguidades próprias à realidade fizeram com que certas imagens ganhassem sentidos mais subtis, tanto que o termo ‘velho’ parece manter-se e é frequentemente utilizado para designar pessoas velhas de classes populares, enquanto ‘idoso’, mais respeitoso, é utilizado para aqueles de camadas médias e superiores.

Barros de Oliveira (2005) alega que as teorias sobre o envelhecimento são múltiplas e Schaie (1999), no seu “Manual de Teorias do Envelhecimento”, aborda as teorias biológicas e biomédicas (teorias do stress, teorias neuropsicológicas e outras), teorias psicológicas (cognitivas, psicossociais, emotivas) e teorias sociais (antropológicas, construtivas, político-económicas).

Porém, quando se refere ao envelhecimento, podemos apontar para dois conceitos distintos: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo que iremos desenvolver de seguida. Embora se cruzem, são dois termos com significados diferentes. Assim, a problemática do envelhecimento não se compreende verdadeiramente se não se analisar as mudanças sociais e individuais sobre a idade avançada. Será necessário não só compreender este fenómeno do envelhecimento como um fenómeno coletivo, mas também como um fenómeno individual. A nível individual há imensas mudanças que afetam os idosos, desde o biológico, psicológico, social entre outros, conforme a ideia de Lefrançois (2004).

1.2.1. O envelhecimento individual: cronológico e biopsicológico

O envelhecimento cronológico, tal como o nome indica, associa-se exclusivamente à idade e pode distinguir-se por duas situações: o envelhecimento cronológico e o envelhecimento biopsicológico.

O conceito de envelhecimento individual, segundo Filho e Alencar (1994), é o processo dinâmico e progressivo onde há modificações morfológicas e funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando uma maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

O envelhecimento cronológico, segundo Rosa (2012:19), “é um processo universal, progressivo, inevitável, ao que parece inscrito aos genes. Envelhecemos desde que somos concebidos, faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, ao qual ninguém com vida escapa”. Mesmo que seja progressivo, tem momentos de aceleração variável. É o conceito de envelhecimento visível, que ao olharmos para uma pessoa sabemos a sua idade e em qual grupo podemos encaixá-la.

Já a idade psicológica e idade social são variâncias do envelhecimento também afetadas por vários fatores. Na idade psicológica há o intuito de se reportar sobre a maturidade mental da pessoa, das suas capacidades cognitivas.

O evoluir da idade psicológica é afetado pelo modo que o indivíduo vê a sua vida e como age em função do seu pensar. Na idade social, o indivíduo está à mercê das dinâmicas sociais e diz respeito ao comportamento do adulto mais velho e como é normalmente esperado que se comporte uma pessoa nessa idade. Desta forma, a experiência de envelhecer pode alterar no tempo histórico, nas circunstâncias económicas e sociais.

A velhice é um processo inevitável caracterizado por um conjunto complexo de fatores fisiológico, psicológicos e sociais específicos de cada indivíduo. Assim, certos idosos estão mais envelhecidos, outros parecem mais jovens e há ainda os que sentem não ter qualquer utilidade.

Paillat, citado por Costa (2002:37), refere “que não se pode continuar a considerar velhice como um grupo homogêneo, sendo que envelhecer é um processo dinâmico, habitualmente lento e progressivo, mas individual e variável, o que poderá justificar a tendência para denominar os idosos como um grupo heterogêneo”.

Para os autores é difícil identificar o início das marcas mais significativas do envelhecimento: aos 50 anos, aos 60 anos, aos 70 anos, aos 75 anos? Depende de pessoa para pessoa, (do passado, hábitos, estilo de vida, géneros, condicionantes genéticas e da própria sociedade em que se vive). Por isso, cada pessoa manifesta-se de forma singular. Por exemplo, o aparecimento dos primeiros cabelos brancos ou das primeiras rugas. Como refere Rosa (2012:20), “e embora não saibamos exatamente quem são os velhos, ou se já o somos, a verdade é que ninguém resiste a falar da velhice, umas vezes enaltecendo-a, outras a repudiando. A velhice tem como efeito, despertado valores diferentes consoantes às pessoas e as sociedades”.

Há ainda duas visões sobre a velhice, a visão negativa e a visão positiva. A visão negativa é associar a velhice ao fim da vida, fim dos planos, sonhos e projetos. Ou seja, o fim da força física onde domina o cansaço, diminuição da modalidade, visão, audição, entre outros. Os sentimentos negativos ficam reforçados, como a depressão, o desânimo, frustração e infelicidade. Estes sentimentos são bem presentes nesta fase negativa. Ao recordar o tempo de vigor, carreira profissional e uma vida que já não existe mais, contribui para fortalecer essa visão da velhice, onde a solidão e isolamento social aumentam, pois muitos dos familiares e amigos já faleceram.

Já a visão positiva associa-se ao privilégio de chegar a certa idade, idade esta que muitos não conseguem atingir. Principalmente se chegam à terceira idade com sonhos realizados, experiências profissionais e pessoais em varias áreas, os idosos preocupam-se em aproveitar a vida recorrendo às inúmeras atividades e programas destinados a pessoas idosas, ou não, dependendo do espírito de cada um.

Featherstone e Hepworth (1995) observam uma semelhança considerável entre as imagens positivas da velhice veiculadas pela cultura do consumo e as imagens difundidas pela gerontologia². A tarefa de construção da ‘terceira idade’ ou do ‘envelhecimento positivo’ disseminou-se além do discurso profissional e acadêmico de uma disciplina especializada, tornando-se um tema de grande relevância nos meios de comunicação.

O surgimento da gerontologia como disciplina especializada é mais complexo e difuso do que o da geriatria. Segundo Katz (1996), o termo teria sido desenvolvido em 1913 por Elie Metchnikoff, um médico discípulo de Charcot, mas limitava-se ao campo das intervenções médicas que prolongassem a vida. Ao longo do século XX, os saberes populares, a demografia e as ciências sociais contribuíram para estabelecer a gerontologia como disciplina científica e para configurá-la como área de saber multidisciplinar. Também colaboraram para a sua formação a sociologia e a psicologia, ao direcionar o olhar especializado para os chamados aspetos psicossociais da velhice. Além do corpo envelhecido, objeto da geriatria, os hábitos, as práticas, as necessidades sociais e psicológicas dos velhos seriam agora alvo de um saber especializado, que incluía novos aspetos na sua definição e tornava mais complexa a categoria velhice.

As definições de velhice e envelhecimento são múltiplas e evoluirão com o avanço do conhecimento nesta área. Embora cada definição possa ser mais abrangente

² Ciência que estuda o processo de envelhecimento nas suas dimensões biológicas, psicológicas e social.

que outra, o envelhecimento será sempre e simplesmente o processo que identifica a velhice, o de passar de um estado para o seguinte, arrastando sinais físicos, psicológicos e sociais que identificam a passagem dos anos.

Birren (1995) considera que o envelhecimento é um processo ecológico, uma interação entre organismos com um determinado património genéticos e diversos meios físicos e sociais como explicaremos de seguida.

1.2.2. O Envelhecimento coletivo: demográfico e social

Outro conceito sobre o envelhecimento que é importante mencionar é o envelhecimento coletivo, que também se divide em duas classificações: o envelhecimento demográfico (população) e o envelhecimento da sociedade.

Para compreender o envelhecimento demográfico, “é necessário ter presentes que existem idades, além dos atributos pessoais (classe social de pertença, qualificações e competências, capacidades, estado de saúde, vivências anteriores, idade exata, etc.), todos os indivíduos são classificados em categorias fixas. Estas categorias etárias são, por facilidade e simplificação, usualmente referidas como as idades jovem, ativa e idosa” (Rosa, 2012: 22).

Segundo a mesma autora no qual afirma que ciclo da vida se divide da seguinte forma: até aos 15 anos – antes da entrada na idade em que é possível ser-se ativo – os jovens; entre os 15 e os 64 anos – idade ativa; com 65 e mais anos – ou seja, a partir de reforma – os idosos, também referidos com terceira idade.

E o número de idosos tende a aumentar, como refere Ana Alexandra Fernandes, “assenta no aumento relativo das pessoas com mais de 65 anos” (1997: 7).

Ao estabelecimento da velhice como categoria social, marcada pelos signos da degeneração física e da invalidez, como também pela legitimidade conferida por direitos específicos, seguiu-se um período no qual a sua importância social cresce consideravelmente. Groisman (1999) e Debert (1999) destacam as décadas de 60 e 70 como o segundo período mais marcante para a história da velhice, quando esta passa a ser um problema coletivo e adquire visibilidade social.

Tal facto é explicado pelo discurso gerontológico, como resultado direto do aumento demográfico da população dos idosos. Porém, ainda que tal aumento seja, sem dúvida, um dado importante na história da velhice, não explica totalmente a caracterização desta, como problema socialmente relevante.

Debert (1999) chama esse processo de ‘socialização do envelhecimento’ e considera a contribuição de outros fatores para a construção da velhice como problema social. A institucionalização generalizada das reformas e, principalmente, as consequências económicas que a ela se seguiram são consideradas elementos fundamentais para a transformação da velhice em questão coletiva. A universalização dos sistemas de reforma incidiu sobre a estrutura das empresas privadas, das famílias e, sobretudo, do Estado, que passou a responsabilizar-se por um contingente muito maior de sujeitos.

Para Neri (2005), a idade social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas da sua idade. Num dado momento da história de cada sociedade, a idade social não é restrita apenas para os idosos, mas sim para os diferentes grupos etários existentes.

Na sociedade contemporânea convive-se com distintos tempos: o tempo do indivíduo e o tempo social. As regras sociais determinam o tempo para estudar, começar uma carreira profissional, namorar, casar, ter filhos, ter netos e reformar-se. As pessoas procuram estar dentro do tempo social, formado dentro da sociedade, sentindo-se mal quando não estão enquadradas. O tempo social é imposto às crianças, adolescentes, adultos e idosos e é um modelo linear de desenvolvimento do qual não se pode fugir. Ele define também em que momento as pessoas são consideradas idosas. Desta forma, a velhice é uma construção social e cultural, sustentada pela preocupação de uma sociedade que quer viver por muito tempo e ao mesmo tempo tem medo do envelhecimento.

Após se falar dos tipos de envelhecimento de uma forma global, juntamente sobre a terceira idade em Portugal e sobre o envelhecimento individual e coletivo, no próximo ponto serão apresentadas as principais preocupações e problemáticas que vêm juntamente com a velhice.

1.3. A ENTRADA NA TERCEIRA IDADE E SEUS RECEIOS

O surgimento da categoria ‘terceira idade’ é visto, pela literatura especializada e por autores que abordaremos a seguir, como uma das maiores mudanças pelas quais passou a história da velhice. De facto, a modificação sobre a velhice acabou por gerar uma alteração dos valores a ela atribuídos: antes entendida como degradação física e invalidez, momento de descanso no qual predomina a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, pertinente à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família.

Os autores Havighurst e Albrecht (1953) formularam a hipótese de que o idoso deveria manter-se ativo se quisessem obter mais satisfação na vida, mudando a sua autoestima e conservando a saúde. Segundo este conceito, a velhice bem-sucedida pressupõe a descoberta de novos papéis. Consequentemente, a sociedade deve valorizar a idade e facilitar este processo. Estes investigadores demonstraram que o índice de satisfação na vida é aumentado apenas pela participação em atividades sociais efetuadas com amigos.

Outro ponto relevante é a ideia da continuidade, que o envelhecimento é uma parte integrante do ciclo de vida e não um período final, separado das outras fases. Segundo Neugarten (1968), os idosos mantêm os seus hábitos de vida, as suas preferências, experiências e compromissos adquiridos e elaborados durante a sua vida. Deste modo, o comportamento de um indivíduo numa determinada situação mantém-se idêntica à sua conduta anterior. Embora exista certa descontinuidade ao nível das situações sociais, os hábitos e estilos de vida, adquiridos pelo idoso, determinam a sua adaptação. As pressões exercidas pelos acontecimentos sociais que surgem durante os últimos anos de vida de uma pessoa levam à adoção de certos comportamentos que continuam. Esta ideia reforça a importância do planeamento de cuidados com base na singularidade de cada indivíduo.

Quando falamos em envelhecimento, é normal que se sinta logo um desconforto, até pelo próprio significado da palavra. Segundo o dicionário Priberam, é a ação natural

do tempo que faz com que todo o ser vivo envelheça, alterando sua aparência física, bem como as funcionalidades do seu corpo que passam a ser mais precárias.

No estudo do autor (Costa, 2005) onde aponta a tendência que os próprios idosos consideram que os seus problemas principais estão na seguinte ordem: a) a saúde (problemas de saúde do corpo e da mente); b) solidão (viverem sozinhos, viúvos, sem parentes); c) os económicos (dificuldades financeiras, valores baixos de reformas); já Marques (2011) acrescenta uma quarta tendência, qual seja, d) o “idadismo” (atitude preconceituosa em relação aos idosos). Tais questões serão detalhadas nos próximos parágrafos:

a) A Saúde na terceira idade

A saúde, ou a ausência dela, é imediatamente apontada como um grande problema. Após certa idade é inevitável que certas doenças surjam, como por exemplo: o Alzheimer, doenças cardiovasculares, tumores, diabetes, e aumentam as dificuldades de mobilidade, de visão e audição. Problemas que, muitas vezes, são seguidos por uma perda progressiva de autonomia e por uma maior dependência de apoio familiar ou social.

Costa (2005:39) refere que “Portugal, em termos de morbilidade (taxa de portadores de determinada doença em relação à população total estudada) a elevada prevalência de determinadas patologias da população idosa determina que um terço dos internamentos seja por reumatismos, doenças cardiovasculares, doenças pulmonares crónicas, diabetes e doenças mentais”.

Entretanto, Sacher, citado por Shock (1966), cita que o organismo humano se comporta como uma máquina cujas partes perdem-se com o uso. Esta deterioração provocaria irregularidades, daí uma paragem desse mecanismo. Porém, existe um facto que contesta este conceito. Os tecidos epiteliais, a mucosa do trato gastrointestinal e os glóbulos vermelhos produzem continuamente novas células de mudança que, atenuam os resultados do envelhecimento por desgaste.

Para Sachie (1992) citado por Paúl e Fonseca (2005) a decadência de natureza diferencial não atinge todas as funções nem todas as pessoas de modo igual, nem mesmo depois dos 80 anos. Os indivíduos mantêm algumas capacidades, enquanto outras se perdem, provavelmente em função das doenças cardiovasculares, da instrução

e do nível ocupacional. Sendo assim, quanto mais avançada é a idade do indivíduo geralmente mais doenças físicas e mentais aparecem e o corpo e a mente do idoso ficam mais frágeis, nos quais acaba por recorrer a tratamentos médicos e agentes da saúde, ajuda de familiares ou a própria solidão.

b) A solidão na terceira idade

A solidão e o isolamento familiar são outros fatores da realidade da terceira idade. Uma importante parcela dos agregados familiares em Portugal é constituída por uma única pessoa com 65 ou mais anos. Numa abordagem inicial e de carácter literário, solidão significa “sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado no meio de um grupo social”, segundo o dicionário Houaiss (2003).

Segundo Neto (2000), a solidão constitui um lado perturbante da atração. Afirma ainda que se trata de uma experiência dolorosa que se tem quando as relações sociais não são adequadas.

No estudo sociológico da solidão, Ussel (2001) considera que tem de se ter em conta que o trabalho e a família são os dois eixos principais que estruturam e definem a existência humana. Assim sendo, qualquer alteração que ocorra nestes dois eixos é suscetível do aparecimento de múltiplos problemas, quer de âmbito emocional, entre os quais se inclui o sentimento subjetivo de solidão. Nesse sentido, Costa (2002:37) afirma o seguinte:

Situações como solidão, o sentido de perda dos contatos familiares e sociais, a carência de recursos económicos ou de suporte social e a perda de autonomia (condicionante da sua incapacidade e dependência) são os novos e os velhos motivos que continuam a perturbar o sistema global de cuidados que opera com os idosos, ao mesmo tempo em que estes são os alvos mais diretos.

Além disso, o autor assevera que “a idade não se revela uma medida adequada para determinar o estado de saúde das pessoas”.

Ainda, a solidão tem sido muitas vezes, assumida como depressão, ansiedade e isolamento social, ao invés de ser reconhecida como um problema distinto. Por isso, Monfort *cit in* Quaresma (2004:46) faz o seguinte apontamento:

A solidão, o isolamento, ao significarem uma rarefação das relações sociais e um vazio afetivo, funcionam como fatores estressantes, obrigando a um esforço de superação, muitas vezes vivido através de comportamentos agressivos, de grande ansiedade ou de depressão.

Como menciona Cumming e Henry (1961), o envelhecimento é acompanhado por uma desinserção recíproca do indivíduo e da sociedade. O indivíduo põe fim de forma gradual ao seu empenho e retira-se da sociedade. Por sua vez, esta oferece-lhe muito menos do que anteriormente. Quando a desinserção é total, o sujeito atinge um novo equilíbrio, caracterizado pela modificação do seu sistema de valores. A perda no nível das relações interpessoais e a do papel que desempenhava tornam-se situações normais para o próprio. Ainda segundo esse conceito, a desinserção satisfaz da mesma forma o indivíduo e a sociedade.

Berger e Mailloux-Poirier (1995:104) consideram que esta teoria tenta justificar a desinserção, presumindo que o afastamento do meio físico e social durante o envelhecimento é uma etapa normal do desenvolvimento.

Os problemas de relacionamento familiar e solidão ocupam um lugar de grande importância, como os próprios idosos reconhecem. As pessoas idosas têm essencialmente as mesmas necessidades afetivas interpessoais que as crianças, os jovens e os adultos, segundo Sánchez e Ulacia (2005), mas frequentemente menos satisfeitas e são geralmente esquecidas ao pensar que um idoso não tem a necessidade de conviver, ter amigos, ter relações sexuais, praticar o lazer e aproveitar a vida.

Segundo Neto (2000:322), a solidão é “uma experiência comum e é um sentimento penoso que se tem quando há discrepância entre o tipo de relações sociais que desejamos e o tipo de relações sociais que temos”.

Um estudo realizado por Lopata e citado por Neto (2000), com pessoas viúvas, permitiu explicar a abundância de sentimentos que acompanham a experiência da solidão. Para estas pessoas a solidão significava um ou mais dos seguintes sentimentos:

- Almejar estar com o cônjuge;
- Desejar ser amada por alguma pessoa;
- Ambicionar amar e tratar de alguém;
- Dividir experiências com alguém;
- Ter pessoas em casa;
- Necessitar de alguém para dividir o trabalho;
- Anseio de uma forma prévia de vida;
- Ausência de estatuto;

- Ausência de outras pessoas falecidas;
- Ter medo de fazer novos amigos.

c) Situação financeira na terceira idade

A pobreza também é relevante, assim como os outros pontos tratados acima, especialmente para quem pensa numa sociedade futura composta por um número alto de idosos. O risco de pobreza das pessoas com 65 anos ou mais anos que vivem só é igualmente alta.

Para José A. Pereirinha, “o conceito de pobreza analisado enquanto situação de escassez de recursos de que o indivíduo ou família, dispõe para satisfazer necessidades consideradas mínimas, acentua o aspeto distributivo do fenómeno (a forma como os recursos se encontram distribuídos entre os indivíduos e as famílias na sociedade). Já o conceito de exclusão social acentua os aspetos relacionais do fenómeno, quando encontramos este conceito de exclusão social acentua os aspetos relacionais do fenómeno, quando encaramos este conceito enquanto situação de inadequada integração social” (Pereirinha, 1992: 170).

Numa situação de exclusão nota-se uma grande privação de recursos materiais e sociais, arrastado “para fora ou para a periferia da sociedade, todos aqueles que não participam dos valões e das representações sociais dominantes” (Fernandes 1995:17).

O excluído está fora dos universos do consumo material, sofrendo uma rejeição e “tende a ser excluído todo aquele que é rejeitado de certo universo simbólico de representações, de um concreto mundo de trocas e transações sociais” (Fernandes, 1995: 17). Esta dimensão de exclusão faz o indivíduo ficar com um sentimento de inutilidade, de inferioridade e de não se sentir como parte da sociedade.

As diferentes condições objetivas de existência das diferentes categorias sociais desfavorecidas “cruza-se com a diversidade de referências culturais, sistemas valorativos e representações sociais que os indivíduos e as famílias constroem e produzem, configurando-se, assim, um conjunto de modos de vida cuja apreensão é indispensável para a compreensão da pobreza e da exclusão social em Portugal” (Capucha, 1998:29).

d) Idadismo

Palmore (2001, 2004) revela a sua crença de que o — *ageism*³ constitui um “terceiro ismo” que, logo a seguir ao racismo e ao sexismo, representa um forte preconceito e discriminação contra uma categoria de pessoas. Neste caso, a discriminação poderá atingir qualquer pessoa, pois, supostamente, qualquer pessoa poderá atingir uma idade avançada.

Segundo Marques, (2011: 18), “o idadismo refere-se às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente em uma característica, a sua idade”. As atitudes idadistas em relação às pessoas mais velhas assumem três componentes:

Em primeiro lugar, o idadismo está associado às crenças ou aos estereótipos que temos relativamente ao grupo das pessoas idosas.

Em segundo lugar, as atitudes idadistas estão relacionadas com o preconceito ou sentimentos que temos em relação a este grupo etário, que às vezes assumem formas disfarçadas como a piedade ou o paternalismo.

Finalmente, a discriminação em relação às pessoas idosas. São muitos os exemplos na sociedade, mas talvez o mais exemplificativo seja o abuso e os maus tratos que têm como alvo os indivíduos deste grupo etário.

Vale a pena ressaltar que o artigo 21.º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia reconhece a discriminação com base na idade como uma violação de direitos fundamentais: “É proibida a discriminação em razão, designadamente, do sexo, raça, cor ou origem étnica ou social, características genéticas, língua, religião ou convicções, opiniões políticas ou outras, pertença a uma minoria nacional, nascimento, deficiência, idade ou orientação sexual”.

Do mesmo modo, a Constituição Portuguesa proíbe qualquer tipo de discriminação, inclusive aquela com base na idade (artigos 13.º e 59.º). Por sua vez, o artigo 21.º do Novo Código do Trabalho proíbe explicitamente a discriminação com base na idade no contexto do trabalho e das relações laborais.

³ Denominação anglo-saxónica para a discriminação social de pessoas com base na sua idade e que, em português, poderá ser traduzido por idadismo.

Após abordarmos os conceitos de envelhecimento bem como seus receios, vamos tratar no próximo ponto, como os idosos, são retratados nos meios de comunicação em massa e expor sobre a teoria das representações sociais.

2. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE; O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS.

Cada idoso envelhece de uma maneira diferente, levando em importância sua história de vida. Por se tratar de uma questão social e histórica, a velhice surge como um assunto a ser estudado na teoria das representações sociais, bem como a construção mediática da velhice que será tratada de forma aprofundada neste capítulo.

2.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

De acordo com Moscovici (1978:61), o trabalho de representação consiste em abrandar o caráter de estranheza de um dado objeto, em introduzi-lo no espaço do habitual, do comum, ao provocar a aproximação de ponto de vista, de “expressões separadas e díspares que, num certo sentido, se procuram”.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são criadas pela necessidade de saber como se ajustar, se comportar no mundo, dominando fisicamente ou intelectualmente, assim como identificar e resolver os problemas que se apresentam: “Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta” (2001:17).

As representações sociais são importantes, pois direcionam o modo de nomear e explicar os diferentes aspetos dos factos, explicando-os da melhor maneira em tomar decisões e posicionar-se diante deles.

Sendo assim, podem ser averiguadas em várias ocasiões, visto que, nos discursos, são veiculadas em mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais. Ao mesmo tempo, apoiam-se em valores variáveis segundo os grupos sociais de onde tiram as suas significações e em saberes anteriores, os quais são lembrados por uma situação social específica Jodelet (2001).

Essa autora ressalta ainda, que as instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou dos meios de comunicação são fatores decisivos na construção representativa, uma vez que abrem caminho a processos de influência e de

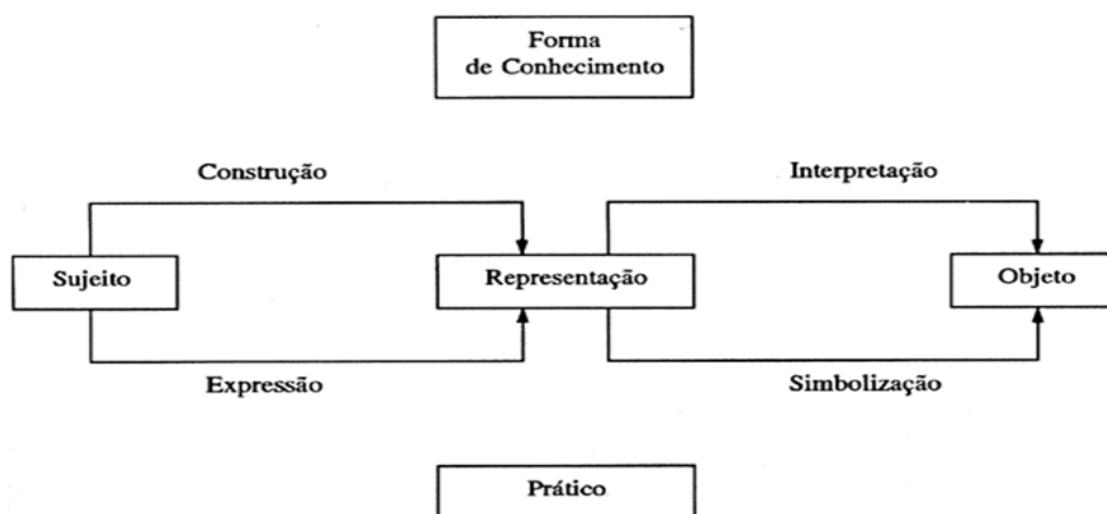
manipulação social, intervindo, dessa maneira, na elaboração das representações. Assim, destaca-se a importância da comunicação social, que, sob seus aspectos, institucionais e mediáticos, emerge como condição de possibilidade e determinação das representações sociais.

Para Jodelet (2001), a representação social tem cinco atributos fundamentais:

- a) É sempre representação de um objeto;
- b) Tem sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, percepção e o conceito;
- c) Tem um caráter simbólico e significante;
- d) Tem um caráter construtivo;
- e) Tem um caráter autônomo e criativo.

A Figura 1 é uma explicação apresentada por Jodelet (1989a), que permite considerar os dois principais pontos de estudos: no primeiro ponto, as representações compõem formas de conhecimento prático orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação; e no segundo ponto, elas entram como elaborações (construções de caráter expressivo) de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados. As duas dimensões descortinam pressupostos de natureza epistemológica sobre a natureza do conhecimento

Figura 1 - O campo de estudos da representação social.



Fonte: Jodelet (1989a)

Conforme Jodelet (1989a), as representações sociais devem ser analisadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm.

Nesse sentido, Moscovici (1981:181) aponta que “a ideia de representação social remete a um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum”.

Nos últimos trinta anos, essa noção permitiu um avanço enorme para a Psicossociologia. Esse conceito contribuiu para o aumento dessa área do conhecimento na medida em que se compôs em algo novo em relação à noção de atitude. A teoria das representações sociais passa a abordar os posicionamentos dos indivíduos, frente a objetos quotidianos, não mais como reações singulares, e sim como voltar a atualizar os saberes partilhados nos grupos (Palmonari & Doise, 1986).

Refere-se então o "modelo de envelhecimento bem-sucedido de Baltes" (Baltes, 1987). A esse conceito Baltes e Baltes (1990:4) apontaram que: "precisa de uma avaliação sustentada em uma perspectiva multidimensional, na qual fatores objetivos e subjetivos sejam considerados dentro de um contexto cultural, que contém demandas específicas."

Moscovici (1988) afirma que, ao separar o poder de criação das representações sociais, aprova a sua dupla face de estruturas estruturadas e estruturas estruturantes e inscreve a sua abordagem entre as perspectivas construtivistas. Entretanto, inscreve-a, no movimento maior, aqui denominado terceiro movimento das teorias do conhecimento. Assinala, assim, a simultaneidade, ou, até mesmo, a anterioridade, da sua obra e da obra de Berger & Luckmann (1966), que criou a perspectiva denominada “construção social da realidade”.

Segundo Jodelet (1989), é a operação que permite a materialização da palavra e a reabsorção do excesso de significados pelos quais uma realidade é representada. Logo, de todas as palavras que representam um assunto, aquelas frações que melhor o descrevem por imagens constituem os núcleos figurativos (Moscovici, 1981).

Ainda segundo Moscovici (1984:38-39):

um enorme estoque de palavras, que se referem a objetos específicos, está em circulação em toda a sociedade (...) mas nem todas as palavras que constituem esse estoque podem ser ligadas a imagens, seja porque não existem imagens suficientes facilmente acessíveis, seja porque as imagens que são lembradas são tabus. As imagens selecionadas pela sua capacidade de ser representadas são integradas ao que denominamos ‘núcleo figurativo’, um complexo de imagens que reproduz visivelmente um complexo de ideias.

Nesse sentido, anseia-se pesquisar os conteúdos das representações sociais do idoso através de como vêm a ser abordadas nos meios de comunicação e surge o interesse e pertinência em analisar os discursos veiculados nos jornais “*Público*” e “*Correio da Manhã*” sobre o tema envelhecimento.

2.2 A CONSTRUÇÃO MEDIÁTICA DA VELHICE

Sabe-se que a televisão, os jornais, a rádio, as plataformas digitais são poderosos instrumentos na formação das atitudes e crenças em relação à significação dose atores, grupos e processos sociais, como seja a questão da velhice (Neri, 2006). As representações sociais propõem uma dada interpretação da realidade, contribuindo, assim, com o modo dos sujeitos se expressarem no seu ambiente. Ferreto (2010) afirma que essas interações propiciam a comunicação dos grupos nas suas redes sociais, refletindo-se no estilo de lidar com assuntos da realidade diária.

As questões relacionadas com os idosos não fogem a esse processo de simbolização. Assim, é significativo às sociedades e aos grupos humanos valer-se da imagem dos idosos para representar a continuidade e realçar a necessidade de preservar e transmitir valores culturais básicos (Neri, 2006).

De acordo com Campos (2010), a cobertura dos meios de comunicação sobre a temática do idoso ainda se fixa no eixo limitado da saúde, doença e reforma. Abordagens tematicamente redutoras para a complexidade da questão.

Campos (2008), no seu estudo sobre a “Visibilidade do idoso nos meios de comunicação”, indica que os idosos devem procurar ajuda externa para reafirmar a sua boa imagem na sociedade, devem organizar-se e condenar publicamente os meios de

comunicação que tratam inadequadamente a imagem do idoso, além de cobrar dos poderes públicos e dos políticos tratamento justo e respeitoso.

Na mesma linha advoga Arantes (2009), ao retratar que os meios de comunicação dão visibilidade distinta à população para reconhecerem o seu papel social, logo, é importante compreender o seu papel transformador e educador. Ao veicular a notícia precisa de se assegurar de não citar estereótipos que induzam os idosos a negar a própria velhice ou retratá-los de uma maneira negativa com a qual eles não se sintam representados.

Robert N. Butler, primeiro diretor do Instituto Nacional do Envelhecimento, nos Estados Unidos, na exposição ao livro “Como e por que envelhecemos”, de Leonard Hayflick (1997), onde aponta que a demografia em alteração determina um público informado para que mais pessoas, especialmente cientistas, possam ser atraídas e, assim, ajudarem a confrontar a profunda revolução mundial na longevidade. Acredita-se que os meios de comunicação reproduzem o “pensar” e o “pulsar” de uma determinada cultura, pergunta-se: quais são as informações que consumimos sobre o envelhecimento? Quais são as intenções das notícias retratadas nos jornais? Como simples informação, deve-se obedecer aos princípios da objetividade, imparcialidade, neutralidade? Ou são vistas como um “produto cultural” e uma narrativa que implica a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário” que espera encontrar a continuação das narrativas existentes? De que modo o envelhecimento é dado a conhecer? Que informações são consumidas pelos leitores? Estas questões passam despercebidas muitas vezes ao lermos uma notícia e as mesmas serão de extrema importância para levarmos em linha de conta na nossa análise de conteúdo.

Sabe-se que a rapidez dos acontecimentos científicos nessa área dificulta a organização de uma reflexão mais profunda. Muitos cientistas ao darem declarações à imprensa tratam a prolongação da vida como uma vitória não traz para seus leitores discussões de dilemas éticos levantados pela manipulação do envelhecimento e adiamento da morte, como afirma Hayflick (1997:21): “Se conseguirmos retardar o envelhecimento, vamos nos confrontar com muitas questões extremamente difíceis, e acredito fortemente que todos nós precisamos começar a considerar as consequências desde já”.

De acordo com Hayflick (1997), possui uma confiança cada vez maior de que precisariam ser empreendidos esforços para estender a vida o máximo possível, desde

que fosse possível manter a sua qualidade. O autor assinala que no debate, que não é divulgado ao público em geral, há alguns argumentos: alguns são a favor da “pró-longevidade”, ao acreditar que o envelhecimento e a morte, como as doenças, precisam ser curáveis, e que estender a vida é tanto possível quanto desejável. E o mesmo afirma que aumentar o tempo de vida provavelmente não é possível nem desejável, nem uma vida feliz deve durar para sempre. As consequências de uma população que não envelhece seriam atípicas.

Além disso, os próprios meios de comunicação refletem um processo de construção do envelhecimento e da longevidade. Acredita-se que se o cidadão é ciente sobre o processo de envelhecimento e a longevidade humana, ele terá opinião e, conseqüentemente, os políticos, cientistas, jornalistas e os médicos a conhecerão, pois, em geral, não há diálogo entre cidadãos, formadores de opinião e comunidade científica. O que se observa é que já há uma grande parcela da humanidade que sofre com as consequências das alterações nos processos de longevidade e envelhecimentos, pois já estão na etapa da velhice (Hayflick, 1999:324).

Os meios de comunicação veiculam certas representações dos velhos, da velhice e do envelhecimento e, nesse sentido, exerce a função de ponto de referência. Assim, a narrativa apresentada aos leitores tem um valor significativo na construção dos discursos. Os jornais escolhidos fornecem os temas sobre os quais os leitores devem pensar, ao criarem imagens, símbolos, estereótipos. Os jornais são, em certa medida, produto e reflexo da própria sociedade. Os jornais podem espelhar a situação existencial do velho, do seu papel vivido no espaço público e privado e o sentido da velhice, bem como o seu estigma, segundo Mascaro (1993).

A constituição do humano e a sua complexidade impossibilitam falar de “objetividade jornalística”. Portanto, a procura pela objetividade do fazer jornalístico não passa de uma falácia, pois os profissionais dos meios de comunicação em geral, enquanto sujeitos que narram, são os organizadores das notícias que relatam, segundo Soares (1997). Neste sentido, as notícias são estabelecidas a partir da linguagem, sempre que algo escapa à suposta divisão racional/irracional, objetivo/subjetivo, consciente/inconsciente.

A crença de que haja uma realidade a ser retratada e uma verdade a ser manifestada àqueles que não a estão vendo (Soares, 1997:42), como o jornalismo é fundamentado e pautado, parece ser falsa. E para compreender-se melhor, enquanto que

Schudson (1995) explica que vê as notícias não como simples informação de factos, para Gans (1980), as notícias são consideradas produtos culturais. Nesse aspeto, a informação não é o mais importante que há nos jornais, mas sim como as notícias são vistas como produtos culturais e geradores de conhecimento público.

A escolha das notícias nas capas dos jornais justifica-se por apresentar algumas perceções que abordam o tema não apenas como um fazer objetivo dotado de regras de funcionamento próprio, como o jornalismo é planeado, mas como uma instituição simbólica determinada por fatores diversos, externos e internos a ela: o jornalismo como sendo organizado a partir de uma estrutura narrativa, a mesma que organiza os relatos de ficção da literatura (Soares, 1997). Assim, o lugar a partir do qual os jornais “articulam” determinam, portanto, aquilo que “noticiam”.

Soares (1997) afirma que, um dos fascínios pela atividade jornalística é a possibilidade de tornar público e conhecido àquilo que é privado, pertencente a um domínio pequeno. Diz ainda que o resultado de um discurso é o deslocamento do que está arranjado para organizá-lo de outra forma. Formar um discurso é dar sentido àquilo que está disperso socialmente. Desta maneira, a realidade constrói-se por meio do discurso, e é por isso que se pode assegurar que não há realidade pré-discursiva (Freitas, 1997). Ora, para que algo possa chegar ao discurso público e ser passível de criar laço social, deve sair do anonimato e tornar-se narrativa, criando expectativas e, assim, possibilitando que “algo aconteça” (Soares, 1997).

Os vários temas apresentados pelos jornais, se recolocados na sua estrutura narrativa individual, podem constituir, cada um deles, pequenas narrativas que se vão formar a cada nova notícia publicada, ao dar continuidade à grande narrativa que é escrita.

Não se trata de assuntos específicos que se repetem, mas grandes temas, como o tema da velhice. O texto pode ser, portanto, como um todo que significa, e que pode ter um carácter polémico, já que apresentam discursos ambíguos.

Ao se compreender, juntamente com Soares (1997), que as notícias não são meras descrições de episódios ou processos, acredita-se que os jornais escolhidos, como os demais meios de comunicação, retiram fragmentos dos acontecimentos e introduzem-se em esquemas pré-construídos, dotando-os de coerência e instituindo, com essa construção, a realidade. Assim, eles são considerados como uma instituição criadora do espaço social.

Conforme os estudos de Debert (2003) existem uma progressiva socialização da gestão da velhice: problemas que antes eram tratados no campo familiar e na esfera privada dos indivíduos, hoje são discutidos na esfera pública do poder, pela sociedade, por campos especializados como a Gerontologia e pelos próprios idosos, cada vez mais conscientes de seus direitos.

A imprensa produz certas representações sobre o envelhecimento e, nesse sentido, desempenha a função de ponto de referência. Desta forma, os textos, as imagens e as falas apresentados aos leitores, ouvintes e telespectadores têm um valor significativo (Rodrigues, 1994).

Com os progressos dos meios de comunicação, todas as culturas estão a fazer uso destes meios, tais como: rádio, jornais, revistas, televisão, internet, entre outros. Eles envolvem meios expressivos para transmitir a informação, com uma ligação entre todas as faixas etárias.

Sobre esse debate, Campos *et al.* (2010) salientam que o rádio é um meio de comunicação que tem grande importância na exposição de informação e continua tendo o seu espaço, mesmo com o avanço da internet. O rádio, que continua a ser um meio de comunicação que participa da história de quem hoje é idoso, poderia ser o primeiro a inovar e transmitir programas especializados para o mesmo.

Fraiman (1995) alega que na década de 80 os idosos apresentavam pouca participação na imprensa, uma vez que sua imagem era carente de representatividade. Com o aumento da participação da população idosa na sociedade, na década de 90, o mesmo autor relata que os idosos passaram a ter mais representações nos media.

Furtado (1997) afirma que os idosos têm estado em evidência em vários setores da sociedade. As empresas começaram a destinar mais produtos para os idosos e, com isto, a maior visibilidade da imagem da terceira idade. Charaudeau (2006:21) afirma que existe uma dupla natureza dos media, que denomina de medias de informação:

[elas] funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica económica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica simbólica que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública.

Além disso, assegura que o acontecimento é sempre construído, assim como o texto jornalístico, que passa sempre por um processo de construção de uma dada

realidade. Pode-se concluir que não existe compreensão de uma realidade empírica (Charaudeau 2006:131), mas um gesto de interpretar. É, portanto, nessa lógica dupla que o sujeito molda a sua identidade pelos discursos dos meios de comunicação.

O jornalismo é um sistema de produção cultural, capaz de produzir representações para um público leitor, acaba por receber essas representações. Como afirma Navarro (2008), pelos media há a produção de uma lembrança discursiva que desempenha um importante papel na composição das identidades, pois “os textos dos média funcionam como um dos lugares da memória, na medida em que materializam sentidos inscritos em outro lugar. Logo, no fio discursivo é possível encontrar indícios de um trabalho da memória na materialidade desses discursos” (Navarro, 2008:234).

Os jornais representam o produto da própria sociedade com os seus textos e opiniões. Eles fornecem os temas sobre os quais os leitores devem pensar, ao criarem imagens, símbolos e estereótipos. Sendo assim, pode refletir a situação atual do idoso, o seu desempenho vivido na sociedade.

É válido demonstrar os estudos de Campos (2007), nos quais menciona que nos Estados Unidos da América encontra-se, por exemplo, um canal de televisão, a “*Retirement Living TV*”, que transmite programação exclusiva e voltada para a Terceira Idade 24 horas por dia. Em Espanha existem pelo menos seis grandes revistas dedicadas ao tema dos idosos, como *Club Sênior*, *Vivir*, *Sessenta y Más*, *Entre Mayores*, *Hablamos de Ti*, *Senda Sê-nior* y *Plus es Más*.

Desta forma, é de toda a pertinência averiguar em que moldes os medias propõem o tema do envelhecimento em Portugal. Uma vez que não foi encontrado trabalhos acerca do tema e com metodologia semelhantes. Para o efeito, detalharemos no capítulo que se segue o desenho metodológico para o estudo das representações mediáticas dos idosos, nos jornais *Público* e *Correio da Manhã*.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo será abordada a metodologia utilizada para a execução desta dissertação de mestrado. Numa primeira parte vamos abordar o conceito da análise de conteúdo, os critérios de levantamento/tratamento dos dados e seguimos o procedimento clássico da codificação de uma análise de conteúdo e para exemplificar apresentaremos o manual de codificação e detalharemos o protocolo de investigação construído para a análise de conteúdo deste trabalho.

3.1. ANÁLISES DE CONTEÚDO

Em 1910 assistimos a um importante contributo para aprimorar a técnica da análise de conteúdo. Max Weber (2005), num texto criador do campo da sociologia da comunicação, propôs uma estratégia metodológica para o estudo da imprensa:

Devemos orientar a investigação sobre a imprensa no seguinte sentido. Perguntando primeiro: o que aporta a imprensa à conformação do homem moderno? Segundo: que influências exerce sobre os elementos culturais objetivos supra individuais? Que deslocamentos produz neles? O que se destrói ou é novamente criado no âmbito da fé e das esperanças coletivas, do ‘sentimento de viver’ – como se diz hoje em dia –, que possíveis atitudes são destruídas para sempre, que novas atitudes são criadas? São estas as últimas perguntas que formulamos e os senhores, estimados ouvintes, verão a seguir que o caminho que a intermedeia essas perguntas e suas respostas é extraordinariamente longo. Agora, perguntarão os senhores: onde está esse material para o início de tais trabalhos? Esse material é constituído pelos próprios jornais. Consequentemente teremos que começar, de forma totalmente trivial, digamos claramente, a medir com tesoura e compasso, como foi-se transformando o conteúdo dos jornais, em seu aspeto quantitativo, no transcurso da última geração (...). Dessas análises quantitativas passaremos depois às qualitativas. Teremos que estudar o estilo do jornal, isto é, os modos em que os mesmos problemas são discutidos dentro e fora do jornal, a aparente inibição dos jornais com tudo que é emocional, o que, por outro lado, constitui uma e outra vez a base de sua própria existência, e outras questões parecidas. E depois teremos, no final, fundadas esperanças para podermos aproximar-nos lentamente das questões de maior alcance, cujo esclarecimento é a meta a que se propõe esta investigação.

No início dos anos 40 do século XX, os académicos americanos interessaram-se sobre a grande influência que os meios de comunicação exerciam sobre os públicos, realizando uma reflexão sobre o estudo do fenómeno, consolidando assim a técnica da análise de conteúdo (Wolf, 1987).

No nosso caso concreto, o objetivo da análise de conteúdo é compreender como são representados os idosos nas notícias de primeira página dos dois jornais. Centrâmo-nos nas peças de primeira página porque são consideradas as mais relevantes e são elas que causam o primeiro impacto no leitor.

Embora a capa seja um espaço importante dos jornais, poucos estudos avaliaram a cobertura de que ela propõe; uma das exceções é Ramsey (1994). A primeira página do jornal geralmente informa sobre suas finalidades e sobre a forma de como cada diário se posiciona dentro do meio político, cultural e social. Reforçam as escolhas feitas pelos editores acerca das informações principais que consideram mais importantes no dia. Sua relevância tem sido analisada em termos de influência política – por exemplo, a cobertura das eleições ou dos atos de um Presidente da República (Eshbaugh-Soha e Peake, 2008; Peake, 2007).

As capas agregam textos escritos, fotos e legendas, ilustrações, infográficos e anúncios publicitários. A dimensão das fontes, o número de linhas e colunas ocupadas e o tamanho dos textos podem variar com a importância relativa atribuída a cada matéria jornalística, com o jornal e o contexto em que se insere. Para chegar à primeira página, a matéria passa por algumas etapas de seleção. Passa pela análise dos editores que definem aquilo que deve figurar em primeiro plano (Tuchman, 1978).

Existem vários conceitos para definir notícia, mas ela deriva da intersecção de uma determinada linha editorial que opera na tensão dos critérios de noticiabilidade (ou de valor-notícia), que são aplicados pelo jornalista, conscientemente ou não, no momento de avaliar os assuntos que têm valor como notícia. Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória. Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo do tempo.

Os critérios de noticiabilidade, segundo Shoemaker (1991: 21-22), são fatores como a oportunidade, a proximidade, a atualidade, o provável interesse do público, a importância, o impacto, as consequências e repercussões, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o

sensacionalismo, a emoção, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (no sentido de pouco usual).

No entanto, para esta análise decidimos confrontar dois periódicos com modelos editoriais diferentes, como foi referido anteriormente, o que nos permite observar os critérios que estabelecem estes meios de comunicação para construírem as notícias acerca dos idosos.

Segundo os últimos dados disponíveis da Marktest (2016), o *Correio da Manhã* é o jornal mais lido em Portugal com 14.2% de audiência anual média e o jornal *Público* com 5.1% ocupa o terceiro lugar, a seguir do *Jornal de Notícias* com 11.4%. Escolhamos os dois primeiros, e excluímos o *Jornal de Notícias* por ser um jornal com forte pendor regionalista (tratando maioritariamente temáticas afetas a região do Norte de Portugal).

O recurso à análise de conteúdo permitiu, por um lado, observar no período analisado as temáticas presentes nestes jornais e, por outro lado, conhecer os conteúdos mais frequentes. Relativamente aos conteúdos das notícias, foram considerados os seus temas, os perfis dos atores mencionados e as fontes de informação utilizadas.

No âmbito da análise aos temas das notícias é importante introduzir o conceito de agenda-setting, estudos que procuram analisar a capacidade dos meios de comunicação em influenciar a opinião pública, não só em termos daquilo sobre o que devem pensar, mas também relativamente à importância superior que devem atribuir a determinados temas em detrimento de outros. “As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (Shaw citado por Wolf, 1987: 128).

Optou-se por realizar a análise de conteúdo, que segundo Olabuenaga e Ispuzúa (1989), é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos, que investigados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspetos e fenómenos da vida social de outro modo inacessível.

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo aplicamos o protocolo metodológico definido por Bardin (2006), sob a denominação de análise temática ou categórica, que consiste na separação de textos com os temas selecionados (no caso os idosos) e depois a realização de uma classificação por reagrupamento.

Para os critérios de levantamento/tratamento dos dados seguimos o procedimento clássico da codificação de uma análise de conteúdo. Segundo Bardin

(2006), levamos em linha de conta: a) unidade de amostra; b) unidade de registo e c) a unidade de contexto:

a) A unidade de amostra é um processo de recolha do material que será analisado num dado período de tempo (2005 á 2015). São as porções de realidade observada (Krippendorff, 1990: 82) e para o efeito escolheram-se dois jornais portugueses para a referida análise de conteúdo, atendendo a linha editorial dos jornais *Público* e do *Correio da Manhã*. Segundo Ribeiro (2008:957), “o jornal *Público* apresenta os traços distintivos da imprensa de referência como a sobriedade gráfica e estilística e a predominância de temas políticos, sociais, económicos e culturais”.

No caso do jornal *Público*, Cardoso (2007: 244) afirma que os critérios para categorizar o periódico na imprensa de referência para esta classificação recaem numa prática jornalística reconhecida como modeladora e orientadora do debate público, “produzindo um efeito de arrasto” para os restantes meios de comunicação (Reig, 1998: 154).

Já o *Correio da Manhã* inscreve-se na chamada imprensa popular, portador de exuberância gráfica e de um estilo sensacionalista. Tem uma média diária de 1,151 milhões de leitores, revela a segunda vaga do Bareme Imprensa da Marktest do ano de 2016, sendo o jornal mais lido em Portugal. Considerado um meio impresso popular/sensacionalista com um enfoque jornalístico de contornos escandalosos (Fragoso, 2010; Lima e Reis, 2014) obedece a “um tipo de viés editorial nos média em massa em que os eventos e temas em notícias e partes são mais exageradas para aumentar os números de audiência ou de leitores” (Kaplan e Martín, 2013:35).

A diferença entre os dois jornais pode ser explicada por ter um modelo de produção jornalística diferenciado. Essa é a razão principal para escolha dos dois jornais para realizar a análise de conteúdo. Pois, a agenda e o discurso são escolhidos no sentido de responderem a um dado critério jornalístico, reconhecido pelos leitores das publicações e acostumados com o tipo e estilo de cada jornal.

Sendo assim, na constituição da matéria jornalística, tanto na capa como nos textos internos, temos componentes específicos que modelam uma narrativa de acordo com o género jornalístico.

b) A unidade de registo tem como objetivo obedecer ao mecanismo que permite decompor o material de análise. São elementos que se categorizam, ou seja, podem ser registados (Krippendorff, 1990). A coleta de dados baseados nas escolhas dos textos com as palavras que remetem ao “universo” dos idosos.

Toda a análise foi feita com o objetivo de observar o comportamento desses dois jornais no que diz respeito às matérias veiculadas por eles, e como o tema é tratado. Esta seleção foi realizada mediante a procura de títulos nas primeiras páginas dos jornais que remetessem para a questão da velhice. Para isso, levamos em linha de conta todas as palavras ou expressões do campo semântico do tema tratado: idoso, sénior, terceira idade, reformado (a), velhos (as).

Estabelecidos os critérios para o levantamento dos dados, procedemos a localização dos jornais em versão papel, para o efeito fizemos o levantamento das informações na hemeroteca de Lisboa (local de repositório de revistas e jornais). Efetuou-se a exploração das capas dos jornais em questão.

A capa do jornal é onde encontramos as principais informações e destaques de todos os factos que serão notícia. Para García (1993), dois fatores são essenciais na primeira página: o facto de ela ser o cartaz de apresentação dos assuntos de maior relevância disponíveis no jornal e que esta deve comunicar várias mensagens simultaneamente, estabelecendo uma hierarquia entre elas. A necessidade de impacto visual de modo a captar o olhar e motivar o leitor é fortemente dependente da escala, enquadramento e posição dos elementos na página. A organização e a coerência demandam a formação de blocos/conjuntos que geram ordem visual, sem deixar de lado um dinamismo compositivo.

O principal elemento da capa são as manchetes: títulos considerados pela redação, como maior importância entre as notícias na edição. Visualmente elas contribuem para a estruturação das capas do jornal, tornando-as mais chamativas. São estampadas, geralmente, na parte de cima ou no centro da capa e destacadas por letras grandes. Também contribuem para que o leitor crítico possa criar uma imagem da identidade do jornal ou da sua linha de informação. As manchetes, na sua maioria, dão uma ideia geral dos factos que precedem, mantém consistência com o texto e impressionam, pois, em poucos segundos, informações e sensações que invadem o leitor.

Já com base em Mouillaud (2002), evidenciam aqueles vinculados ao cotidiano e que, em função de não produzirem significativas mudanças para o coletivo, necessitam de seleção para ganhar visibilidade. Segundo Charaudeau (2007), notoriedade, representatividade, expressão e polémica são critérios que norteiam a seleção de um acontecimento que mereça ser noticiado. Ao ser retratado a partir de um sistema de convenções, a partir de orientações específicas e objetivos determinados, ele integra-se a um contexto que não existia antes do acontecimento. Será a inserção mediática a lhe restaurar uma continuidade, dentro de um quadro narrativo que se utiliza de géneros consolidados que, por sua vez, se ancoram em convenções recorrentes, reproduzidas sistematicamente que visam obter os mesmos resultados quando em instâncias similares. Mais que um conjunto de padrões formais, a composição da página do jornal por meio da recorrência permite inferências pelo leitor, que pode comparar situações e assim estabelecer relações de sentido. A estrutura construída por meio do projeto gráfico torna um mesmo periódico reconhecível, ainda que os conteúdos apresentados sejam completamente diversos nas suas edições.

Segundo Frost (2003), os jornais e as revistas são uma mistura de textos e imagens articulados de modo a capturar a atenção do leitor e prendê-la, tornando a experiência de leitura aprazível, de modo a que ele continue a pagar para ler a mesma publicação. A capa, portanto, atua como um convite para a compra do periódico, uma provocação para o leitor pegar a publicação na banca e interessar-se pelo conteúdo. O miolo continua a experiência da oferta de informação, onde os elementos gráficos são arranjados de modo a criar e consolidar o estilo da publicação, sempre constrangido por limitações técnicas de produção.

Utilizou-se o método de *clipping*, recolhendo notícias sobre o tema em questão. Nesse caso, os recortes serão direcionados a temas que tratam dos idosos veiculados nesses dois jornais. Numa análise exploratória, que incide em codificar cada notícia encontrada, foram fotografadas e arquivadas, para serem classificadas e separadas por categorias como: reforma, crime, curiosidade, óbito, pedofilia, violência. A condensação final consistiu quase sempre em ajustes terminológicos.

Do total de capas de jornais analisadas (mais de 8 mil) nos dois jornais, apuramos 560 unidades de registo sobre o tema em estudo no jornal *Correio da Manhã* e 227 no jornal *Público*. Para efeitos de codificação das notícias utilizamos a grelha abaixo, que passamos a explicar:

Tabela 1 - Grelha de Análise de Conteúdo usada para codificar as peças jornalísticas do estudo.

Nº (1)	Jornais (2)	Data (3)	Extensão (4)	Secção (5)	Género (6)	Posição na capa (7)	Atores (8)	Temáticas (9)	Polarização (10)
-----------	----------------	-------------	-----------------	---------------	---------------	------------------------------	---------------	------------------	---------------------

Fonte: Elaboração própria adaptado de Reis (2017).

1. Nº: cada notícia seleccionada para a amostra deve ser numerada sequencialmente, para podermos monitorizar o número total de unidades analisadas.

(1, 2, 3, 4, 5, 6, 7...)

2. JORNAIS: são os jornais analisados no estudo

(1. *Correio da Manhã* / 2. *Público*).

3. DATA: identificação de cada peça jornalística pela data de publicação.

4. EXTENSÃO: aferíamos a extensão da notícia

(1. < ¼ da página / 2. Até ½ da página / 3. Até 1 página / 4. > Mais de 1 página.

5. SECÇÃO: a secção do jornal onde se encontra a notícia

(1. Sociedade/ 2. Economia/ 3. Política/ 4. Saúde/ 5. Outra).

6. GÉNERO: género jornalístico das notícias analisadas.

(1. Notícias/ 2. Reportagem/ 3. Entrevista/ 4. Outros)

Por questões de metodologia, separaram-se as notícias por géneros jornalísticos. Porém, os géneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, por vezes, é difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são notícias, especialmente se aportarem informação nova. Os géneros jornalísticos correspondem a determinados modelos de interpretação e apropriação da realidade através de linguagens. A linguagem verbal escrita é a mais

importante das linguagens usadas no jornalismo impresso. Mas não se pode ignorar a linguagem das imagens e a convergência estrutural de ambas as linguagens no *design* de imprensa.

Sendo uma forma de interpretação da realidade, os géneros jornalísticos são uma construção e uma criação. Obviamente que, uma vez criados, os géneros jornalísticos passam, também eles, a fazer parte da realidade, que, paradoxalmente, referenciam. Mas neste manual não nos vamos deter sobre o conceito da construção social da realidade. Os géneros jornalísticos existem em determinados momentos e contextos sócio-histórico-culturais.

7. POSIÇÃO NA CAPA: posicionamento das chamadas de notícias nas capas dos jornais. (1. Destaque/ 2. Rodapé / 3. Cabeçalho / 4. Centro).

Segue abaixo o exemplo das capas dos jornais analisados:

Figura 2 - Exemplos de capas dos jornais *Público* e *Correio da Manhã*.



Fonte: Jornais *Correio da Manhã* e *Público*.

Observa-se a separação entre as diferentes partes de um jornal, em que a capa tem um papel particular na medida em que procura atrair a atenção do leitor, principalmente quando os acontecimentos do dia são inéditos ou inusitados, ao informar e enunciar o que está à disposição dos leitores no interior do periódico. É nela também

que está o nome do periódico, que sugere a existência de um referente que tende a ser conhecido pelo leitor num espaço simbólico: entre “vários” este é “o” jornal.

Na capa temos as fotos e as manchetes com destaque das notícias principais dos periódicos e no interior do jornal podemos analisar as notícias de acordo com os modelos utilizados. Ambos os jornais analisados utilizam o modelo da pirâmide invertida que pressupõe a apresentação das informações mais importantes no início da notícia e as informações menos relevante no final. Como explica o autor Muniz Sodré (1996:134), ao analisar a técnica narrativa utilizada para noticiar a morte do Presidente Americano Kennedy, pelo Jornal do Brasil em 1963, e explicar o modelo da pirâmide invertida: “o aspeto mais importante do acontecimento (lide, na terminologia dos jornais), é posto em primeiro lugar, deslocando-se assim a ordem dos acontecimentos”. Em suma, há uma hierarquização das informações, em que aquilo que for mais importante ou impactante é apresentado anteriormente, o que atende, por fim, critérios de edição. Esta estrutura valorativa, por sua vez, já pressupõe o direcionamento do olhar de cada jornal e os seus critérios dos valores de notícias.

As manchetes são os títulos considerados pela redação, como maior importância entre as notícias na edição. Visualmente elas contribuem na estruturação das capas do jornal, tornando-as mais chamativas. São estampadas, geralmente, na parte de cima ou no centro da capa e destacadas por letras grandes. Também contribuem para que o leitor crítico possa criar uma imagem da identidade do jornal ou da sua linha de informação. As manchetes (destaque), na sua maioria, dão uma ideia geral dos factos que precedem, mantêm consistência com o texto e impressionam, pois, em poucos segundos, informações e sensações que invadem o leitor.

O cabeçalho localiza-se no topo da capa e repete-se em todas as edições. É constituído pelas informações gerais sobre a publicação ou marcas de referência do jornal que chamamos de aparatos da edição: o nome do jornal, a data, o número da edição, o preço, horário de fecho da edição e o logótipo.

O rodapé encontra-se na parte inferior e sempre com pequenos títulos informando da localização da notícia no interior do jornal. Numa capa encontram-se também muitas fotografias, gráficos e publicidade. Estes são elementos que aparecem todos os dias nas capas e podem ser considerados fixos.

A primeira parte de uma notícia, geralmente o primeiro parágrafo em destaque, que fornece ao leitor informação básica sobre o conteúdo que lhe segue e pretende prender-lhe o interesse, é chamada de *Lead*.

8. ATORES: caracterização dos protagonistas que aparecem nas peças informativas. (1. Velhos/ 2. Instituições Sociais/ 3. Políticos/ 4. Segurança Social/ 5. Prestadores de cuidados de saúde/6. Forças da ordem/ 7 Outros)

Ao ler as notícias selecionadas, categorizamos os seguintes atores sociais:

- Velhos: (pessoas com mais de 65 anos de idade) ou palavras que remetam a ideia de velho (idoso, avô, reformado);
- Instituições sociais: (família, igreja, finanças);
- Políticos: (primeiro-ministro, presidente, outros);
- Segurança social;
- Prestadores de cuidados da saúde (médicos, auxiliar de idosos, entre outros);
- Força de ordem (polícia, bombeiro, marinheiro);
- Figura pública (atores, cantores, artistas);
- Criança;
- Outros.

9. TEMÁTICAS: os temas retratados nas notícias

(1. Vítimas de violência/ 2. Saúde / 3. Crimes/ 4. Pedofilia/ 5. Óbito / 6. Demografia / 7. Curiosidade / 8. Acidente / 9. Outras)

Encontramos necessidade de separar por temas, tendo em vista a quantidade de matérias referidas sobre idosos, e fizemos, assim, a distinção da seguinte forma: vítimas de violência (idosos a sofrer maus tratos, assassinados ou violentados), saúde (hospitais, remédios, problemas de saúde), crimes (cometidos por idosos), pedofilia (atos sexuais perpetrados por idosos), óbitos (falecimento), demografia (objeto de estudo que engloba as estatísticas), acidente (em diferentes tipos de acidentes sofridos por idosos) reforma (leis, informações sobre reforma) e incêndio. Como salienta Sousa (2006: 669-670):

definimo-las o mais exaustivamente possível para que todos ou quase todos os elementos substantivos do discurso possam ser classificados de forma detalhada, uma vez que a fiabilidade da pesquisa poderá ser diminuída se as especificações das categorias forem vagas e gerais”, usamos uma definição sistemática, porque os conteúdos devem ser selecionados segundo regras explícitas (...) implicando que cada elemento representativo, em função dos objetivos da pesquisa, tenha idênticas possibilidades de ser incluído na análise, tentamos

também definir essas categorias de forma exclusiva para que os elementos substantivos que se classificam numa categoria pertençam claramente a essa categoria e não a nenhuma outra

10. POLARIZAÇÃO: aferimos o sentido do tratamento da notícia em relação aos atores/assuntos tratados (1. Positivo / 2. Negativo / 3. Neutro).

Portanto, separamos a polarização em “positivo” que abordava uma posição dos idosos de forma mais ativa na sociedade; “neutra”, que apresenta um idoso de uma forma mais descritiva; e a “negativa”, contendo notícias com adjetivos depreciativos.

O desenvolvimento deste trabalho resultou na seleção de uma amostra final de 531 notícias do *Correio da Manhã* e 149 do *Público*, peças estas que nos permitiram pensar como os idosos são representados mediaticamente para duas linhas editoriais díspares. Este trabalho de recomposição atende ao que se convencionou chamar de unidade de contexto, que será explicado no próximo item.

c) A unidade de contexto, que tem como objetivo fazer com que o investigador coloque as informações numa leitura mais ampla do texto recortado. A análise de dados em contexto tem como objetivo concluir o significado dos dados com critério de validade (Krippendorff, 1990). Nesse sentido, Carriço Reis (2017:219) afirma que:

não poderei perceber o real sentido de uma unidade de forma isolada, na medida em que ela só é passível de ser analisada porque foi extraída de um dado enquadramento. A análise de conteúdo é por defeito multidimensional, porque solicita ao investigador uma compreensão social, histórica e política do tema escrutinado. Depois da decomposição do fenómeno em unidades de registo, para que seja possível a sua observação criteriosa, é preciso de novo reconstruir as peças do “puzzle” para não cairmos no erro das leituras parciais e segmentadas.

Os dados encontrados foram demonstrados em forma numérica, o que ajuda a compreender a quantidade de notícias encontradas. A forma como foi selecionada a notícia para cada um dos jornais, e o tipo de cruzamento das informações, trouxeram resultados específicos a fim de facilitar a elaboração de tabelas explicativas.

Figura 3 - Exemplo de notícia do jornal *Correio da Manhã*.



Fonte: Jornal *Correio da Manhã*, 16/11/2006.

A título de ilustração, a notícia de dia 16 de novembro de 2006, do jornal *Correio da Manhã*, na página 11, fazia menção a uma idosa de 77 anos que foi vítima de violência, logo é parte do nosso corpus de análise. Como codificar então esta notícia? Primeiramente, devem-se inserir os dados encontrados de acordo com as categorias da grelha de análise, assim como os respetivos códigos.

Sendo assim, importa saber que atores sociais são referenciados como desencadeadores da informação, que, no caso ilustrado, é a idosa. A extensão da notícia é de ½ página; encontra-se na secção sociedade; o género jornalístico é notícia; a temática se enquadra como vítima de violência; e, por fim, a polarização é negativa, já que o jornalista apresenta uma senhora frágil, sozinha e vulnerável que foi sequestrada, sovada e assaltada.

Destaca-se que o título apresenta três palavras importantes: a primeira trata-se do substantivo “idosa”; e os outros dois substantivos femininos, “assaltada” e “sovada”, chamam a atenção por serem palavras fortes e que transmitem atos de violência. E a partir dessa lógica, foram analisadas outras 786 peças no presente estudo.

Para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que consiste na tabulação e aplicação de técnicas descritivas de análise, construiu-se uma base de dados no programa SPSS (*Statistic Package for Social Science*), onde foram definidas as variáveis consideradas pertinentes e adequadas para este estudo. Os dados obtidos foram tratados no programa estatístico referido anteriormente.

Após apresentarmos o método utilizado para realizarmos à análise, bem como uma explicação sobre a análise de conteúdo e os critérios de levantamento dos dados, passaremos para a análise dos jornais estudados.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO

Nessa parte da tese vamos tratar a questão da análise de dados, primeiramente vamos apresentar em tabelas os dados das notícias encontradas nos dois jornais de forma comparativa, explica-las de forma descritiva e posteriormente a analisá-las. Num segundo momento será feita uma caracterização dos jornais e uma análise de contexto descritivo dos dados encontrados.

O envelhecimento populacional, como já foi referido, é um dos dilemas sociais que atualmente impacta diretamente a sociedade portuguesa. A evolução na ciência, tecnologia e, sobretudo, da medicina permitiu aos indivíduos, nos últimos anos, viver por mais tempo e em melhores condições, o que representa um crescimento muito considerável da expectativa média de vida, em maior parte mais perceptível nos países desenvolvidos. Portugal é um grande exemplo deste facto. O país, que muitas vezes é referido como um dos mais envelhecidos da União Europeia tem 20% da população com mais de 65 anos, de acordo com os dados divulgados pela Pordata em 2016.

O perfil sociológico do idoso no Portugal contemporâneo é marcado por um desajuste social intensificado principalmente pela idade, em que se destacam baixos níveis de rendimento, elevada iliteracia (a maioria dos idosos, hoje, são analfabetos), precariedade das condições habitacionais, elevada taxa de incidência da deficiência e do predomínio de doenças crónicas, isolamento social, diminuição da atividade profissional, reduzido consumo cultural e de atividades de lazer fora de casa (Machado, 2003).

Como método optámos pela análise de conteúdo, que cruza uma dimensão quantitativa com uma vertente qualitativa, uma vez que nos permite a descrição, mas também a interpretação “enquanto atribuição de sentido às características do material” (Vala, 1986: 104) que é avaliado.

Isto significa que este tipo de análise possibilita a inferência de conhecimentos relativos à produção do discurso jornalístico (Bardin, 2000). Para tal, construímos uma base de dados em SPSS (*Statistic Package for Social Science*), partindo dos dados recolhidos pela grelha de análise utilizada. Mas antes de entrarmos na decodificação do conteúdo jornalístico, comecemos por comparar as notícias sobre idosos nos dois jornais escolhidos.

Tabela 2 - Total de notícias sobre idosos nos jornais *Correio da Manhã* e *Público* (2005-2015).

Jornal	Frequência
Correio da Manhã	560
Público	227
Total	787

Fonte: Elaboração própria.

Uma questão importante a destacar, é que confrontando a cobertura dada por cada um dos jornais, constatamos uma clara diferença no número de peças recolhidas em cada um deles. Enquanto no *Correio da Manhã* coletamos 560 unidades (o que traduz um 69,9% do total de informações selecionadas), no *Público* encontramos 227 (30,1%) peças, do total de 8.008 unidades analisadas. A evidente diferença entre os dois jornais parece poder ser elucidada por modelos de produção jornalística distinta. A agenda e o discurso são editorializados no sentido de atenderem a um tipo de critério jornalístico, famoso pelos leitores dos periódicos.

A partir da pesquisa realizada, pode-se definir o perfil editorial de cada jornal e a forma de tratamento dada acerca do *corpus* da pesquisa. Num primeiro momento, temos a apresentação do jornal *Correio da Manhã*, que, de acordo com o que foi exposto anteriormente, é o líder em vendas. Em formato tabloide, apresentam-se de forma recorrente páginas inteiras sobre notícias voltadas para os idosos.

O critério de noticiabilidade do jornal *Correio da Manhã* tem uma cobertura emocional com uma forte dramatização do acontecimento reportado (Agee e Traquina, 1984). Um enfoque que destaca um enquadramento servido de *soft news*, informações relacionadas com as “debilidades humanas” (Tuchman, 1978) e leituras jornalísticas simplificadas em relação aos fenómenos sociais em análise. O que corresponde ao perfil dos leitores do *Correio da Manhã*, pois 74,7% possuem habilitações ao nível do ensino básico e apenas uma percentagem de 6,1% dos leitores possui habilitação superior (Carriço, 2017).

No *Correio da Manhã* que ressalta uma cobertura mediática de dramatização, com um tom de espetacularização, com um teor escandaloso (Fragoso, 2010; Lima e Reis, 2014).

O jornal *Público*, de acordo com o que foi exposto anteriormente, enquadra-se no chamado jornalismo de referência e, segundo o estatuto editorial, por ser um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica. Em formato tabloide e apresentam-se de forma recorrente páginas inteiras com notícias voltadas para os idosos. No jornal *Público* encontrou-se um número bem menor de títulos relacionados com o tema idoso, no total de 207 notícias.

Tabela 3 - Categorização temática das peças acerca dos idosos nos jornais *Correio da Manhã* e *Público*.

Temática	Jornal		Total
	<i>Correio da Manhã</i>	<i>Público</i>	
Vítima de Violência	147	25	172
Saúde	36	28	64
Crimes	34	5	39
Pedofilia	15	1	16
Óbito	15	17	32
Demografia	7	6	13
Curiosidade	14	14	28
Acidente	17	2	19
Reforma	238	85	323
Incêndio	10	0	10
Outros	27	44	71
Total	560	227	787

Fonte: Elaboração própria

Encontramos no *Correio da Manhã* 238 notícias sobre reformas e leis para os idosos, 147 sobre vítimas de violência, 36 sobre saúde, 34 sobre crime, 27 outras, 17 sobre acidentes, 15 sobre pedofilia (devido o alto número de notícias, criou-se uma categoria específica sobre o tema pedofilia), 15 sobre óbito, 14 sobre curiosidade, 10 sobre incêndios e 7 sobre demografia.

No jornal o *Público* percebe-se que 80% dos textos impressos são notícias, que se dividem maioritariamente entre as temáticas de reforma (85), saúde (28) e vítimas de violência (25). Algumas categorias ficaram com um índice muito baixo ou nulo, como a

categoria de crimes, com 5 notícias, 2 sobre acidentes, 1 sobre pedofilia e incêndio sem nenhuma notícia nos 10 anos analisados. As próprias temáticas propõem um jornalismo e um modo de conexão com os leitores. Carriço (2017) revela que Schlesinger (1978 *apud* Wolf, 1999) chamou de “quadro de expectativas estáveis”, pois o mesmo separa os assuntos retratados.

A temática sobre a “reforma”, que teve maior número de notícias encontradas, apresenta, comumente, informações sobre a legislação da reforma, de acordo com os exemplos a seguir:

“Reforma” em destaque na capa do jornal:

“Policiais contra reforma aos 65” (CM, 28/5/2005)

“Reforma sobe para 67 anos” (CM, 28/05/2010)

“Estado paga 1718 reformas milionárias” (CM, 27/06/2014)

“Reformas sobem com inflação” (CM, 18/12/2015)

“Reformados da função pública 6,5% até final de novembro” (Público, 11/10/2011)

“Pensões baixaram mas há mais pessoas a reformarem-se” (Público, 25/02/2015)

Repare-se que, de acordo com a Tabela 3, o *Correio da Manhã* lidera a quantidade de notícias sobre o idoso em todas as categorias. Contudo, três temáticas apresentaram maior discrepância entre os dois jornais: vítima de violência, pedofilia e acidentes. Por exemplo, os títulos das notícias com a temática “vítima de violência” têm 147 notícias no *Correio da Manhã* com um padrão violento e chocante, em contraposição às 25 notícias no *Público*, com um padrão mais informativo e descritivo. Abaixo, são apresentados títulos exemplificativos dos dois jornais para reforçar essa ideia:

“Mulher de 99 anos esfaqueada por ladrão” (CM, 6/7/2006)

“Maus tratos a idosos em 452 lares” (CM, 17/11/2013)

“Bancária idosa raptada e morta” (CM, 19/11/2013)

“PJ investiga morte de idosos em lar ilegal” (Público, 8/12/2010)

Outro dado significativo é a temática pedofilia que tem 15 notícias no *Correio da Manhã* e apenas 1 no *Público*. Cabe ressaltar que, especificamente para o Jornal

Correio da Manhã, foi necessário abrir uma categoria chamada “Pedofilia”, tendo em vista a quantidade de matérias relacionadas ao tema. Em termos comparativos, percebeu-se que o assunto está a frente, inclusive, de temas como “óbito”, com 15 notícias, “incêndio”, com 10 notícias, e “demografia” com 7 notícias.

Observamos que a cobertura do jornal *Correio da Manhã* usa adjetivos negativos para expor o idoso que comete o crime de pedofilia, de forma a chamar a atenção do leitor que o indivíduo tem uma idade avançada e é um criminoso. Afirmando assim o posicionamento do jornal a chamar atenção para suas notícias.

“Violador da neta apanhado em fuga” (CM, 25/11/2008)

“Avô pedófilo apanha sete anos” (CM, 29/6/2010)

“Avô de 71 anos abusava da neta de 18 meses” (7/09/2006)

Olhando para os dados, vemos novamente que, na temática acidentes, no *Correio da Manhã*, há 17 notícias, e, no *Público*, apenas 2 peças. O que vem a afirmar todas as características confirmadas são alimentadas por uma forte componente de usar adjetivos que reduzem o valor do indivíduo, palavras que remetem a algo negativo e que responde a uma necessidade de exposição declarada e emotiva.

“A25 – Idoso em contramão” (CM, 16/8/2006)

De acordo com os dados do estudo, chegou-se à conclusão de que, em termos de extensão, no *Correio da Manhã* encontramos 324 das matérias ocupam uma página inteira, enquanto 140 ultrapassam o limite de uma página, 77 chegam a ½ página e, por fim, 19 ocupam ¼ de página.

No jornal *Público*, encontramos 114 das matérias que ocupam uma página inteira, enquanto 87 ultrapassam o limite de uma página, 19 chegam a ½ página e, por fim, 7 ocupam ¼ de página. Como podemos ver na tabela 4.

Tabela 4 - Extensão da notícia do jornal *Correio da Manhã* e *Público*.

		Extensão da Notícia				Total
		¼ de página	½ página	1 página	+ 1ª página	
Jornal	<i>Correio da Manhã</i>	19	77	324	140	560
	<i>Público</i>	7	19	114	87	227
	Total	26	96	438	227	787

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos verificar na tabela acima, nos dois jornais encontramos o maior número de notícias com 1 página, 324 no *Correio da Manhã* e 114 no *Público* em segundo lugar com mais de 1 página temos o *Correio da Manhã* com 140 notícias e o *Público* com 87. Observamos que em ambos os jornais foram distribuídos de forma similar na extensão das notícias e sempre com os espaços maiores nos jornais. Mostra-se, assim, que as notícias ocupam o maior espaço, geralmente acompanhada com fotos grandes, ilustrações, gráficos e infográficos para melhor esclarecer a notícia. Abaixo, são apresentados exemplos de notícias relevantes, com a extensão de, pelo menos, uma página:

Exemplos de notícias de 1 página vítima de violência:

“Mulher de 92 anos violada em lar da misericórdia” (CM, 3/7/2008)

“Espancam idoso em assalto” (CM, 29/8/2013)

Exemplos de notícias de mais de 1 página vítima de violência:

“8258 abandonados nos hospitais” (CM, 4/7/2011)

“Drama e angústia na velhice – Irmãs morrem sozinha” (CM, 26/1/2012)

Exemplos de notícias sobre reforma com extensão de 1 página

“Patrões contra reforma aos 65 anos” (CM, 24/10/2013)

“218 reformas milionárias” (CM, 9/8/2011)

Exemplos de notícias sobre reforma com extensão de mais de 1 página:

“Reformas dos políticos custam 8,3 milhões” (CM, 17/10/2008)

“Função pública com bónus na reforma” (CM, 30/7/2005)

Exemplo de notícia sobre Reforma com extensão de 1 página:

Desemprego - Nova lei afeta idosos com menos descontos (Público, 20/12/2012)

Exemplos de notícias sobre Reforma com extensão de mais de 1 página:

“Pensões baixaram, mas há mais pessoas a reformarem-se” (Público, 25/02/2015)

“Nova formula de cálculo das pensões para os futuros reformados” (Público, 10/1/2013)

Exemplo de notícia sobre Saúde com extensão de 1 página:

“Idosos sem o melhor tratamento para doenças cardíacas” (Público, 10/6/2013)

“Idosos a viver em lares tomam mais de dez remédios por dia” (Público, 6/11/2014)

Após analisarmos sobre a extensão das notícias, passa-se a explorar sobre as notícias encontradas nas secções dos jornais. Assim, quanto a essa temática, percebeu-se que a recorrência do tema idoso girou em torno de 30 a 50 matérias no decorrer dos anos. As exceções foram os anos de 2007, 2012 e 2013, que ultrapassam a marca de 60 matérias. A tabela 5 demonstra os resultados da análise de acordo com as secções dos jornais.

Tabela 5 - Secção do jornal *Correio da Manhã e Público*.

Secção	Jornal		Total
	Correio da Manhã	Público	
Sociedade	290	84	374
Economia	103	28	131
Política	91	57	148
Saúde	8	12	20
Mundo	2	3	5
Óbito	3	0	3
Cultura	13	33	46
Outras	50	10	60
Total	560	227	787

Fonte: Elaboração própria

O que se observa no *Correio da Manhã*, na sua grande maioria, são os textos referentes às secções Sociedade e Economia. Uma vez, que o jornal aborda mais notícias nessas secções devido ao estilo jornalístico já retratado. A primeira representa 290 das publicações no periódico e a segunda com 103 notícias. Depois encontramos 91 notícias na secção de política, 50 em outras secções, 13 notícias na secção de cultura, 8 na secção de saúde, 3 na secção de óbito e 2 na secção mundo.

No jornal *Público* o que se vê, na sua grande maioria, são textos referentes às secções sobre Sociedade e Política. Por ser secções que informam sobre temas da sociedade e legislação. A primeira representa 87 publicações no periódico e a segunda com 47 notícias. Encontramos ainda, 33 notícias na secção cultura, 28 na secção economia, 12 na saúde, 10 em outras secções e 3 na secção mundo.

Já quanto ao posicionamento dos títulos nas capas dos jornais, verifica-se que, no *Correio da Manhã*, a maior parte das matérias ocupa o rodapé das páginas com o total de 254 notícias, o que contrapõe ao público consumidor deste jornal, já que a ideia

de destaque é dada às matérias que se localizam ao topo da página, que tem 155 notícias. No cabeçalho encontramos 99 notícias e no centro 52 notícias.

No jornal *Público* maior parte das matérias ocupa o rodapé das páginas com 104 notícias, destaque com 75 e o cabeçalho com 48, onde se encontrou um equilíbrio no posicionamento das matérias nas capas do jornal, pois não tem um nível de diferença grande entre si.

Verifica-se, portanto, que a maior quantidade de notícias se encontra na posição do rodapé da capa, o que demonstra uma menor visibilidade sobre o tema. Sobre as posições das notícias nos jornais, pode-se verificar na tabela 6.

Tabela 6 - Posição da capa do jornal *Correio da Manhã* e *Público*.

		Posição de Capa				Total
		Destaque	Rodapé	Cabeçalho	Centro	
Jornal	<i>Correio da Manhã</i>	155	254	99	52	560
	<i>Público</i>	75	104	48	0	227
	Total	230	358	147	52	787

Fonte: Elaboração própria.

Ao retratar os resultados obtidos no jornal no cruzamento da temática com o posicionamento do título da notícia na capa do jornal *Correio da Manhã*, observamos que as 560 notícias estão separadas da seguinte forma:

Destaca-se que na temática da reforma encontrou-se 87 (39,5%) notícias em destaque e 79 (35,9%) em notas de rodapé, no cabeçalho encontrou-se 31 (14,1%) e no centro 23 (10,5%).

Repare-se que os títulos das notícias em destaque com a temática de vítima de violência têm 27 notícias, com um padrão extremamente violento e chocante.

“Maus tratos a idosos em 452 lares” (CM, 17/11/2013)

“Bancária idosa raptada e morta” (CM, 19/11/2013)

Notícias sobre Reforma posicionada no rodapé:

“Governo não mexe na idade da reforma” (CM, 15/12/2005)

“Fisco ataca poupança a reformados” (CM, 10/4/2006)

“Acima de 600 euros- Reformados do Estado perdem poder de compra” (CM, 25/10/2007)

“Reforma – Pensões mínimas sobem 2 euros” (CM, 26/10/2013)

“Idade de reforma aumenta dois meses” (CM, 29/11/2014)

Vítimas de violência posicionada no rodapé:

“Mataram reformado à pancada” (CM, 16/02/2007)

“Abandono- Idosos esquecidos nos hospitais” (CM, 20/12/2008)

“Idoso mata a mulher doente de Alzheimer” (CM, 22/02/2011)

“Mata idoso à facada na cama” (CM, 24/2/2013)

“Viola viúva de 85 anos em assalto” (CM, 27/11/2015)

Vamos analisar o cruzamento das mesmas temáticas com as categorias no jornal *Público*. Foram encontradas 226 notícias na capa do jornal nas seguintes posições: 104 notícias localizadas no rodapé, 74 em destaque e 48 no cabeçalho. Contrariamente ao jornal *Correio da Manhã*, o jornal *Público* não tem notícias no centro da capa.

Como foram encontradas mais notícias no rodapé da capa do jornal, separámos as temáticas em evidência nesse posicionamento encontrámos 39 notícias na temática da reforma e 14 na temática vítima de violência. Vale ressaltar que o facto de haver 31 notícias com a temática sobre reforma foi um dado que chamou a atenção. Vamos mostrar de seguida exemplos dos títulos de cada uma das temáticas referidas acima.

Notícias encontradas no rodapé da capa sobre reforma:

“Reforma - Tempo de descanso ou uma nova oportunidade?” (Público, 15/1/2005)

“Tempo de espera por reformas quase duplica” (Público, 14/5/2010).

“Pensões baixaram, mas há mais pessoas a reformarem-se” (Público, 25/02/2015)

Noticias encontradas no rodapé da capa com a temática vítima de violência:

“Soropositivos são discriminados nos lares para terceira idade” (Público, 16/9/2009)

“Idosos – Quando os filhos agrirem os pais” (Público, 28/3/2011)

Notícias encontradas no rodapé da capa com a temática reforma:

“PS associa idade da reforma à esperança média de vida” (Público, 23/1/2005)

“Centenas contestam nos tribunais fim dos complementos de reforma” (Público, 29/4/2014)

No género jornalismo encontramos 444 notícias, 103 reportagem e 10 entrevistas no jornal *Correio da Manhã* e no jornal *Público* entramos 181 notícias, 41 reportagem e 4 entrevistas. Como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 7 - Género jornalístico no jornal *Correio da Manhã* e *Público*

Género						
Jornal		Género				Total
		Notícia	Reportagem	Entrevista	Outro	
	<i>Correio da Manhã</i>	444	103	10	3	560
	<i>Público</i>	181	41	4	1	227
	Total	625	144	14	4	787

Fonte: Elaboração própria.

Verificamos que nos géneros jornalístico os jornais têm uma proporção similar, no qual, o género jornalístico “notícia” é o que tem maior número de peças, uma vez que é o género que encontramos mais em ambos periódicos devido à linha editorial dos jornais. Outro ponto que é importante destacar é a quantidade de entrevistas nos jornais, 10 no *Correio da Manhã* e 4 no *Público*, onde há pouco espaço para as entrevistas nos dois jornais, o que mostra uma forma de invisibilidade e o sentimento dos idosos terem pouca importância social. Neste sentido, há de se destacar a diferença no tratamento dos velhos no relato noticioso em relação à posição ocupada enquanto personagens.

De forma geral, os atores mais recorrentes são os velhos no jornal *Correio da Manhã*, sendo 361 dos personagens principais, 141 notícias com os “atores” políticos, 28 notícias com atores das instituições sociais, 22 das notícias com figura pública, atores das áreas segurança social e força de ordem com 3 notícias cada, crianças e

outros atores com 1 cada e não encontramos notícias com os atores de cuidados da saúde.

No Jornal *Público* os atores mais recorrentes são os velhos, sendo 108 dos personagens principais e políticos com 75, nos restantes atores seguem figura pública com 39 notícias, prestadores de cuidados da saúde e instituições sociais com 2 notícias e força de ordem com 1 notícia. Não encontramos notícia com os atores segurança social e crianças (uma vez que encontramos no jornal anterior). Deve-se ter em mente a diferença na posição social dos velhos transpostos nas narrativas, o que resulta numa condição de protagonismo da terceira idade.

Tabela 8 - Atores encontrados no jornal *Correio da Manhã e Público*.

Atores	Jornal		Total
	Correio da Manhã	Público	
Velhos	361	108	469
Instituições Sociais	28	2	30
Políticos	141	75	216
Segurança Social	3	0	3
Prestadores de cuidados da Saúde	0	2	2
Força de Ordem	3	1	4
Figura Pública	22	39	61
Crianças	1	0	1
Outro	1	0	1
Total	560	227	787

Fonte: Elaboração própria.

Fizemos então o cruzamento das temáticas com os atores, (velhos, instituições sociais, políticos, segurança social, forças da ordem, figuras públicas e crianças), ou seja, que tipos de personagens são apresentados nas temáticas de forma mais expressiva e, ainda, qual é o tipo de composição histórico/narrativa atribuída à terceira idade a partir do entrecruzamento de vários fatores da esfera social.

Foram encontrados um total de 560 atores, no jornal *Correio da Manhã*, 337 ao retratar os idosos e 132 sobre políticos. Os outros atores aparecem de forma pouca significativa, sem apresentar o nome do indivíduo, apenas o trata como idoso e sua

idade, sem dar uma personificação específica e humana. Na temática de vítima de violência encontraram-se 139 com o ator principal “idoso” e na reforma 61.

Em contraste com as hipóteses apresentadas inicialmente, o que se vê é um grande número de matérias relacionadas a casos de violência associados aos idosos, excetuando-se os textos acerca da reforma.

Vítima de violência com ator “velho”

“Padre de 85 anos agredido com grande violência” (CM, 15/3/2007)

“Idosa morta à martelada em casa do patrão” (CM, 21/4/2007)

“Degola idosa por trocos” (CM, 5/7/2011)

“Maus tratos a idosos em 452 lares” (CM, 17/11/2013)

“16 idosos agredidos a cada semana” (CM, 2/10/2015)

Reforma com o ator “reformados/idosos”

“Pensão extra abrange 65 mil idosos” (CM, 21/10/2005)

“Reformados perdem poder de compra com aumento” (CM, 4/1/2008)

“Pensões não chegam Idosos sem meios de trabalhar” (CM, 06/06/2011)

“Reformados perdem 1634 euros por ano” (10/8/2013)

O ator “político” foi encontrado na temática da reforma com o total de 127 citação:

“400 reformas acima de Sampaio” (CM, 26/1/2005)

“Pensões vitalícias de políticos custam 9 milhões” (CM, 2/11/2010)

“Cavaco Silva com 8 mil euros queixava-se da reforma” (CM, 21/1/2012)

“Portas e Passos esquecem pensões” (CM, 4/6/2015)

No cruzamento das temáticas com os atores, no *Público*, vamos selecionar os números mais significativos. Como os atores “idosos” encontrámos o total de 107 notícias, 23 mencionadas nas temáticas de saúde e vítima de violência e 19 em reforma. Os atores “políticos” foram encontrados em 75 notícias, 62 delas na temática da

reforma. Sobre os atores “figura pública” encontramos 39 menções, sendo 14 na temática óbito.

Atores idosos na temática saúde:

“Gripe sazonal mata milhares de idosos” (Público, 8/10/2007)

“Idosos – Após os 50 restam entre 9 a 24 anos de vida saudável” (Público, 18/11/2008)

Atores “políticos” na temática reforma:

“Governo corta nas reformas dos funcionários públicos contratados antes de 1993” (Público, 26/05/2005)

“Governo lança complementos de reforma” (Público, 14/12/2007)

Atores “figuras públicas” na temática óbito:

“Morreu o último (e o mais bonito) dos grandes – Paul Newman desapareceu ontem, aos 83 anos” (Público, 28/9/2008)

“Artista plástico português Costa Pinheiro morre aos 83 anos” (Público, 12/10/2015)

Enquanto a última tabela abordou os atores, agora vamos retratar a polarização (a imagem que os idosos aparecem nos jornais) se positiva, neutra ou negativa, em ambos jornais. No jornal *Correio da Manhã* a polarização encontrou-se uma imagem neutra dos idosos com 324 notícias como uso de descrição dos idosos, com 176 notícias com imagem negativa dos idosos com adjetivos negativos como burlão, violador, pedófilo, entre outros, e apenas 60 com uma imagem positiva sobre os idosos (avó, avô, terceira idade, idosos e velhos).

No *Público* a polarização encontrou-se uma imagem neutra dos idosos, pois na maioria das matérias estes aparecem de forma descritiva com pouco uso de adjetivos ou estereótipos. Com uma imagem dos idosos de forma neutra com 109, positiva encontrou-se 69 notícias e de imagem negativa 49 notícias. Como vemos na tabela 9.

Tabela 9 - Polarização dos jornais *Correio da Manhã* e *Público*.

		Jornais		Total
		Correio da Manhã	Público	
Polarização	Positiva	60	69	129
	Neutra	324	109	433
	Negativa	176	49	225
	Total	560	227	787

Fonte: Elaboração própria.

Optamos por fazer o cruzamento das temáticas com a polarização, para observarmos nas polarizações (positiva, negativa e neutra) quais as temáticas que estão em evidência. No *Público* separámos a temática de outros (que não se enquadrava nas temáticas existentes) com 24 notícias e curiosidade com 14 notícias positivas. Na polarização neutra encontrámos na reforma 71 notícias e na polarização negativa 23 na temática vítima de violência.

Temática “outros” na polarização positivas:

“Sexo depois dos 65 – Eles falam sobre a vida para lá do tabu” (*Público*, 25/2/2011)

“João Vieira- Aos 91 anos fez 9º ano nas novas oportunidades” (*Público*, 23/2/2012)

“Envelhecimento – É mais fácil enganar os idosos porque o seu ‘alarme cerebral’ não dispara” (*Público*, 5/12/2012)

“Um faz-tudo que vai de aldeia em aldeia ajudar os idosos” (*Público*, 13/12/2015)

“Sexo na terceira idade ou amor na hora marcada. Histórias na primeira pessoa” (*Público*, 13/6/2014)

Temática curiosidade na polarização positiva:

“Terceira idade – Número de atletas veteranos triplicou nos últimos dez anos” (*Público*, 14/8/2011)

“José Rentes de Carvalho, um escritor novo aos 83 anos” (*Público*, 26/4/2013)

“Mudar de vida depois dos 65. Histórias de pessoas a quem a idade não impediu de mudar de rumo” (Público, 7/7/201)

“Os idosos portugueses gostam de rádio. Será que a rádio ainda gosta deles?” (Público, 21/7/2013)

Temática reforma na polarização neutra:

“Governo prevê que idade da reforma chegue aos 67 anos em 2029” (Público, 29/11/2013)

Temática vítima de violência com polarização negativa:

“Mais de 300 mil idosos acima das 60 vítimas de violência” (Público, 26/2/2014).

No cruzamento das temáticas com a polarização, do jornal *Correio da Manhã*, onde podemos observar se o discurso da notícia foi tendencioso, encontramos 321 notícias que descrevem o idoso de forma neutra, 151 notícias com um tom negativo e apenas 48 notícias com uma polarização voltada para o positivo.

As temáticas de violência lideram novamente, com 58 notícias negativas, 31 são relativas à reforma e 24 a crimes. Vale a pena ressaltar que 14 notícias positivas foram encontradas na temática “óbito”, pois são as que homenageiam a história de vida de uma figura pública falecida. E a quantidade de notícias com sentido neutro, deve-se por estas serem notícias mais descritivas sem dar adjetivos aos atores em questão.

Reforma com polarização negativa:

“Fisco perdoa reformados pobres” (CM, 19/05/2009)

“Pensões não chegam- Idosos sem meios obrigados a trabalhar” (CM, 1/6/2011)

“Recibos verdes e reformados castigados pela crise” (CM, 12/9/2012)

Crimes com polarização negativa:

“Avozinhos metralhas em tribunal” (CM, 20/1/2006)

“Reformado controlava tráfico” (CM, 14/7/2007)

Óbito com o sentido positivo:

“Morte aos 81 anos perde um escritor” (CM, 8/12/2008)

“Adeus rei – Coração de pantera negra parou aos 71 anos” (CM, 6/1/2014)

5. CONCLUSÃO

Ao tratar a questão da representação da imagem mediática velho/idoso como recurso de reflexão sobre a situação do envelhecimento, encontrou-se a desigualdade de sujeitos que vivenciam o momento de ser velho/idoso, no contexto socioeconómico, histórico e cultural. A análise dos dados vem confirmar o que diz o enquadramento teórico do início da dissertação.

Para nortear as reflexões relativamente ao tema foi utilizada a seguinte pergunta: a representação social dos idosos tende por tratamentos jornalísticos diferenciados nos jornais *Correio da Manhã* e *Público*? Esta questão auxilia o processo de entendimento da representação do velho/idoso nos jornais.

As matérias relacionadas com os idosos são, em parte, de costume dos dois jornais analisados: *Correio da Manhã* e *Público*. Este é o tema frequente de notícias, ao mostrar a importância que este assunto tem vindo a beneficiar na sociedade portuguesa.

O tratamento comparativo permitiu notar diferenças importantes numa série de aspetos formais e na temática em que os idosos são protagonistas. Mesmo que os idosos sejam parte expressiva da realidade portuguesa, onde o número de pessoas com mais de 65 anos duplicou em relação aos anos 70 e é hoje superior a dois milhões, tendo a população com mais de 80 anos aumentado cinco vezes, segundo dados do Pordata (2016), continuam a ser encarados de forma diferente por ambos os jornais.

Segundo tudo o que analisamos, podemos apresentar uma resposta para a pergunta de partida e para os objetivos inicialmente que foram traçados, verificamos que prevalecem no *Correio da Manhã* discursos de natureza distinta: em primeiro lugar, a reforma, que atende ao público acima de 66 anos, e trata de questões referentes aos benefícios, salários e previdência social, principalmente após a divulgação do aumento do tempo de contribuição apresentado pelos jornais, ocorrido nos últimos meses. Em segundo, estão as notícias em que os idosos são vítimas de crimes (violência, maus tratos, abusos, assassinatos, entre outros). Na maioria das vezes, esses textos retratam o idoso de forma neutra e descritiva, mas também há a incidência de representações negativas, com adjetivos que depreciam os idosos, mostrando-os frágeis, sem um futuro, na maioria das vezes incapacitados, injustiçados e sofredores, quando não são retratados como palavras que remetem ao criminoso como, por exemplo: violador, assassino,

ladrão entre outros. São poucas as notícias em que a imagem do idoso aparece de forma positiva. O que se pode observar é que o próprio discurso do jornal está voltado, em primeiro lugar, para apresentar uma imagem neutra, mais descritiva do idoso, e em segundo lugar a imagem negativa do idoso com o uso de adjetivos negativos para mencionar os idosos em questão.

Percebeu-se também que o jornal *Correio da Manhã*, que tem o papel social de informar a população sobre os mais diferentes assuntos, vem exibindo uma veiculação desfavorável ao idoso, facto este explicado pela grande mostra da imagem dos idosos em situações de infantilização, dependência, submissão, tristeza, preconceito e, sobretudo, violência.

Já no jornal o *Público*, percebe-se um interesse na representação social e política dos idosos, uma preponderância das fontes politizadas, uma maior atenção à cultura e à identidade do idoso e um tratamento mais profundo dos temas a seguir: predominam, em primeiro lugar, as notícias que retratam a representação do idoso na sociedade e, em segundo lugar, sobre política. Já a polarização representa uma imagem neutra e em segundo uma polarização positiva. Foi observada uma adjetivação e notícias a ressaltar a história do idoso em questão, história essa que sempre enaltece o importante papel que o idoso em questão teve dentro da sua área profissional (artista, político, desportista, entre outros) que principalmente nas temáticas sobre óbitos, centenários e curiosidades, são mencionados como figura pública.

Nota-se, claramente, o tratamento dos idosos quando se referem às figuras públicas, como políticos e pessoas de classe alta, pois ambos os jornais têm um tratamento singular e diferenciado ao representar essas personalidades, ao citar não como um velho ou idoso e sim como uma personalidade/celebridade que transcende a idade. Em contrapartida, o idoso comum, sem uma notoriedade ou relevância social, de acordo com o direcionamento dos periódicos, é representado muitas vezes como indigente, já que a composição das matérias não dá marcas de personalidade ao transmitir a informação. A questão do direito à identidade não foi tratada no estudo em questão, mas pode ser um trabalho futuro para compreender a diferença da representação nos jornais de um idoso anónimo para um idoso com relevância social.

Em alguns países os idosos têm ainda uma função de prestígio na medida em que são responsáveis pela preservação dos valores tradicionais, eles são os "guardiões da herança coletiva", segundo Diop (1989). Como a estrutura de poder em Portugal, ou

seja, os políticos, pessoas que administram a nação e, até mesmo, o Presidente da República, não são representados como idosos e sim como figuras públicas, numa diretriz narrativa que transcende a questão da idade.

Verificou-se que a representação do idoso no jornal *Correio da Manhã* é a de um idoso passivo, sem identidade. Mantido por uma previdência deficitária e vítima da estrutura política e social, alheia à sua existência e individualidade. Esta leitura ficou clara nas notícias sobre a questão da reforma. Nestes casos, o idoso é representado a partir do gasto que tem para os cofres públicos. Esta visão afeta toda uma representação social, sendo possível inferir, inclusive, parte do cenário que corrobora no agravamento dos casos de violência, maus tratos e diversos tipos de crimes.

No jornal *Público* nota-se que o idoso é retratado como uma figura pacífica, como referência social e protagonista nas notícias, ao dar voz ao idoso e importância em espaço nas notícias dadas como indivíduo social. Assim como o estilo do jornal propõe que dão importância ao perfil dos atores mencionados. É indispensável que o jornalismo contribua com o fortalecimento dos grupos sociais que necessitam de uma representação mais à altura do seu papel na sociedade em que vivemos.

Do mesmo modo que os jornais se devem abster à dualidade no tratamento de idosos, também é necessário que os meios de comunicação compreendam que os idosos não constituem um grupo homogêneo e só são visíveis a partir do uso que fazem dos serviços sociais, e sim que há várias formas de envelhecimento, impactadas por estruturas de amparo social diferenciado. Neste sentido, há um compromisso entre o jornalismo e a sociedade que deve ser posto em prática: informar para transformar (Barbeiro, 2012).

Existe outro lado dos idosos, pouco mencionado nos jornais, que necessita da ajuda de agentes externos para o seu fortalecimento enquanto parte da sociedade. Há idosos que já têm oportunidade de uma participação maior, através do regresso aos estudos, do voluntariado, de alguma atividade física e de lazer que os mantém ativos e saudáveis.

Neste contexto, os jornais devem dar tratamento mais justo, valorizando a imagem positiva do idoso e não só as suas limitações físicas. Muito provavelmente a sociedade trataria de forma diferente, sendo mais inclusiva. Se os jornais tiverem uma representação dos idosos, menos negativa e mais positiva ou neutra, os leitores de hoje,

que serão os idosos do futuro, terão uma nova perspectiva do que é ser um integrante da terceira idade.

Há uma necessidade dos jornais apresentem melhor as matérias e jamais ridicularizem as pessoas pelo simples facto de serem idosas. Pois, os idosos consomem os jornais, mas não se sentem representados. Que o idoso seja tratado com o respeito e ética. Seja um desconhecido ou o presidente de um país.

Também é preciso que os jornalistas se possam fortalecer no associativismo, para terem vez e voz nos seus locais de trabalho e possam recusar escrever matérias com atitudes ofensivas à pessoa idosa ou a qualquer grupo social, sejam ou não minoritários, ou excluídos ou estigmatizados.

Os jornais devem renovar os manuais de redação em busca de uma linguagem que valorize a representação do idoso e evite o tratamento dualista, trate o idoso como pessoa que merece total respeito, com uma história de vida e não apenas como grupo sem identidade. Como por exemplo, o tipo de uma notícia que não diz o nome do idoso faz a substituição do nome por palavras como avó, velho, idoso, entre outras, sem dar uma identidade específica a pessoa em questão.

Sendo assim, é possível afirmar que os jornais impressos deveriam não atenuar a quantidade de registos que retratam as realidades mencionadas, mas sim ampliar as reportagens para outros assuntos que contribuam para um olhar diferenciado da terceira idade e ajude os próprios idosos a pensar e a sentir a vida com mais independência, alegria, afeto e dignidade, ou seja, os media nessa perspectiva podem descrever e noticiar episódios bons e positivos que também fazem parte do envelhecimento.

Logo, a discussão é de grande importância, pois, além do envelhecimento ser um tema bastante atual na sociedade moderna, é algo pelo qual todos nós passaremos, assim, refletirmos sobre as formas como a representação relativa à terceira idade nos media é feita, é necessário e desafiador, na medida em que a informação é um instrumento de transformação das atitudes humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agree, W. & Traquina, N. (1984). *O Quarto Poder Frustrado: Os Meio de Comunicação Social no Portugal Pós Revolucionário*. Lisboa: Edições Veja.

Andréu, J. (2001). Las técnicas de análisis de contenido: Una revisión actualizada. (Documento de trabalho S2001/03). Centro de estudios andaluces.

Arantes, R.P.G. *Imagem e ação: idoso e lazer na mídia*. Caderno Temático, nº6 (2009), p. 88-101. São Paulo: Revista Kairós.

Baltes, P.B. (1987). *Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline*. Developmental Psychology, 5, p.611-626.

Baltes, P.B. & Baltes, M.M. (1990). *Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.

Barreiro, H.; Rangel, P. (2012). *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto.

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)

Barros de Oliveira, J. H. (2005). *Psicologia do envelhecimento do idoso*. Porto: Legis Editora.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Beltrão, L. (2006). *Teoria e prática do jornalismo*. Adamantina: Omnia.

Berger, P. & Luckmann, T. (1966). *The Social Construction of Reality*. Garden City: Double-day.

Berger, L.; Maillouilox-Poirier, D. (1995). *Pessoas Idosas - Uma abordagem global*. Loures: Lusodidacta - Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Birren, J; Renner, V. (1977). *Research on the psychology of aging: principles and experimentation*. In J. Birren, Handbook of the psychology of aging. p.3-38. NY: Van Nostrand Reinhold.

Birren, J; Fisher, L. M. (1995). *Aging and speed of behavior: Possible consequences for psychological functioning*. Annu. Rev. Psychol. 46 329–353. 10.1146/annurev.ps.46.020195.001553.

Campos, P.C. (2010). *Jornalismo e Sociedade: Cobertura sobre Terceira Idade na imprensa brasileira*. Gerontologia, 13 (1), p.73-103. São Paulo: Revista Kairós.

Campos, P C. (2007). *A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. Estudo de caso: jornais El País e ABC – 2007*. 11(1), pp. 105-142, 2008. São Paulo: Revista Kairós,

Capucha, L. (1998), “*Pobreza, exclusão social e marginalidade*”, in Viegas, J. M. Leite e Costa, António Firmino da (orgs), Portugal, *que Modernidade?* Oeiras: Celta Editora.

Cardoso, G. (2007). *A mídia na sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Carvalho F; Alencar, Y. M. G. (1994). *Teoria do envelhecimento*. In: Carvalho Filho, E. I. (Org.). *Geriatrics fundamentos, clínica, terapêutica*. p. 1-8. São Paulo: Atheneu.

Carriço Reis, B. (2017). *O conteúdo em análise; teoria e práticas da análise de conteúdo*. Em J. Feijó e J. Mosca (Coord.), *Metodologias de investigação*. Lisboa: Editora Escolar.

Charaudeau, P. (2007). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2009). *Discurso das Mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

Costa, M (2002). *Cuidar idosos. Formação, práticas e competências dos enfermeiros*. Coimbra: Editora Formasau.

Costa, C. (2005). *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Moderna.

Cumming, E.; Henry, W. E. (1961). *Growing old: The process of disengagement*. New York: Basic Books, Inc.

Debert, G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp.

Debert, G. (2003). “*O Velho na Propaganda*”. Campinas: Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 21, nº 1, p. 133-156.

Debert, G.; Ggregori, M. F. (2008). *Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, nº 66.

De Masi, D. (2000). *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante.

Diop, A.M. (1989). *La place des anciens dans les sociétés africaines*. Impact: Science et Soiété, 153, nº39, p.101-107.

Doise, W. (1986). *Les Représentations sociales: définition d'un concept*. In: Doise, W.; Palmonari, A. (Dir.). *L'Étude des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé. p. 81-94.

Eshbaugh-soha. M e Peake, J. (2008). *The Presidency and local media: local newspaper coverage of President George W.Bush*. Presidential Studies Quarterly. CollegeStation, v.38. n.4. p.609-630.

Featherstone, M & Hepworth, M. (1995). *Images of positive aging: a case study of Retirement Choice magazine*. In: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge. p.29-48.

Fernandes, A. T. (1995). *Etnicização e Racização no Processo de Exclusão Social, in Sociologia*. Porto: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I Série, Vol. I.

Fernandes, A. (1997). “*Velhice: Emergência de um Problema Social*.” In: *Velhice e Sociedade*, por Ana Alexandra Fernandes, 5-29. Oeiras: Celta Editora.

Ferreto, L.E. (2010). *Representação social no envelhecimento humano*. Em W. Malagutti, & A.M.A. Bergo (Eds.), (Abordagem interdisciplinar do idoso). pp23-36. Rio de Janeiro: Rubio.

Fidalgo, J. (2006). *O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação – área de Conhecimento de Artes e Técnicas da Comunicação. Braga: Universidade do Minho.

FILHO, E. T. (1994) org. *Geriatrics: fundamentos, clínica, terapêutica*. p. 1-8. São Paulo: Atheneu.

Fraiman, A. (1995). *Coisas da idade*. São Paulo: Gente.

Fragoso, A. (2010). *Formas e expressões da comunicação visual em Portugal, contributo para o estudo da cultura visual do século XX, através das publicações periódicas*. Dissertação de doutoramento não publicada, doutoramento em Design. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Freitas, C. M.; Gomez, C. M. (1997). *Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das Ciências Sociais*. História, Ciências, Saúde. Manguinhos: vol 3: p.485-504.

Frost, C. (2003). *Designing for newspapers and magazines*. New York: Routledge.

Furtado, E. S. (1997). *Terceira Idade: enfoques múltiplos*. v. 4, nº 2, p.121-147. Rio de Janeiro: Motus Corporis.

Gaioli, C. L. O. (2004). *Ocorrência de maus-tratos em idosos no domicílio*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.

Gans, H. J. (1980). *Deciding what's news*. New York: Vintage Books.

García, M. R. (1993). *Contemporary newspaper design*. 3. ed. Englewood Fields: Prentice-Hall.

Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.

Groisman, D. (1999) *Velhice e história: perspectivas teóricas*. v.10, n.1, p.46-53. Rio de Janeiro: Cadernos do IPUB.

Haighust, R. J.; Albrecht, R. (1953). *Older people*. New York: Longmans Green.

Hayflick, L. (1997). *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus.

Hayflick, L. (1999). *A brief overview of the Discovery of cell mortality and immortality and of it influence on concepts about aging and cancer [in Franch]*. p. 094-1104. Paris: Pathol Biol.

Instituto Nacional de Estatística. (2007). *Nos próximos vinte e cinco anos o número de idoso poderá mais do que duplicar o número de jovens*. Disponível on-line em: www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=7398813&att_display=n&att_download=y. Último acesso em: 20-03-2016.

Jodelet, D. (1989). *Les Représentations sociales: un domaine en expansion*. Em D. Jodelet (org.), *Les représentations Sociales*. Paris: Press University de France.

Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.

Jornal Correio da Manhã online: (bareme Marketest) <http://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/cm-e-o-unico-jornal-com-mais-de-um-milhao-de-leitores>. Acesso em 12 de Agosto de 2015.

Katz, S. (1996). *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia.

Kkrippendorff, K. (1990). *Metodologia de análisis de contenido – teoria y práctica*. Barcelona: Paidós.

Lefrançois, R. (2004). *Les nouvelles frontières de l'âge*. Québec: Les Presses de l'Université de Montréal.

Lima, H.; Reis, A. (2014). *A hierarquização de notícias e os comentários do público nos sites de quatro diários portugueses*. Escola Superior de Comunicação Social. Actas do 8º Congresso SOPCOM: Comunicação Global, Cultura e Tecnologia. Lisboa.

Machado, P. (2003). O lugar dos idosos em Portugal e no mundo. Janus 2003 (<http://www.associacaoamigosdagrandeidade.com/wp-content/uploads/filebase/artigos/PAULO%20MACHADO%20O%20lugar%20dos%20idosos%20em%20Portugal%20e%20no%20mundo.pdf>). Acesso em 01 de outubro de 2016.

Magalhães, E. E. (2004). *A depressão no idoso*. Badajoz: Universidade de Extremadura.

Mailloux-poirier, D. (2005). *Comunicar*. In: BERGER, L. Pessoas idosas. p. 475-498. Lisboa: Lusodidacta,

Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Marktest. (2016). *Anuário de Media & Publicidade 2015*. Lisboa: Grupo Marktest.

Mascaro, SA. (1993). *As imagens dos velhos e da velhice nas páginas do jornal “O Estado de S. Paulo” (1988-1991)*. Tese de Doutorado defendida na ECA/USP.

Mercadante, E. F. (2003). *Velhice: a identidade estigmatizada*. Revista Serviço Social e Sociedade; nº. 75, p. 53. São Paulo: Cortez.

Moniz, J. (2003) *A enfermagem e a pessoa idosa – A prática de cuidados como experiência formativa*. Loures: Lusociência.

Monteiro, H. & NETO, F. (2008). *Universidades da terceira idade: Da solidão aos motivos para a sua frequência*. Porto: Legis Editora.

Moscovici, S. (1961). *La psychologie, son image et son publique*. Paris: PUF.

Moscovici, S. (1976). *Psychologie sociale*. Paris: PUF.

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.

Moscovici, S. (1979). *El Psicoanálisis, su imagen y su público*. Buenos Aires: Huemul.

Moscovi, S. (1981). *On Social Representation*. In: FORGAS, J.P.(Ed.). *Social Cognition; perspectives on everyday understanding*. Londres: Academic Press.

Moscovici, S. (1984). *The phenomenon of Social representation*. In: FARR, R. M. & Moscovici, S. (Eds.) *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

Moscovici, S. (1988). *A máquina de fazer deuses*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago.

Mouillaud, M. (2002). "A crítica do acontecimento ou o fato em questão". In: _____. *O Jornal – da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: Editora UnB. pp. 49-83.

Navarro, P. (2008). *Discurso e mídia: elementos do método arqueológico para análise da produção discursiva da identidade*. In ROMÃO, L. e GASPAR, N. R. (orgs.). *Discurso midiático*. São Carlos: Pedro e João Ed.

Neugarten, B. L. (1968). *Middle age and aging a reader in social psychology*. Chicago: University of Chicago Press. NETO, F. (2000). *Psicología social (Vol. II)*. Lisboa: Universidade Aberta.

Neri, A. L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea.

Neri, A. L. (2006). *O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento*. *Temas em Psicologia*, 14(1), p.17-34.

Obercom. (2015). *Anuário da comunicação 2011-2012*. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=Anuario2012.pdf> (acedido a 1 de setembro de 2016).

Observatório da Imigração (2004). *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: Alto – Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

OMS. (2001). Innovative Care for Chronic Conditions. Meeting Report, 30-31 Maio 2001, OMS/MNC/CCH/ 01.01. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

Olabuenaga, J.I. R. & Ispizua, M.A. (1989). *La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao: Universidad de deusto.

Oliveira, M. S. B. S. (2004). *Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 19, nº55, p. 180 – 186.

Paillat, P. (1986). *Vieillesse et vieillesse*. Paris: Presses universitaires de France.

Papaléo Netto, M. (1996). *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu.

Papaléo Netto, M. (2002). *O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos*. In: FREITAS, E. et al.(Orgs.). Tratado de geriatria e gerontologia. P.2-12. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan.

Palmore, E. (2001). *The Ageism Survey: First findings*. The Gerontologist. vol. 41, p.p. 572-575.

Palmore, E. (2004). *Research note: Ageism in Canada and the United States*. Journal of CrossCultural Gerontology, vol.19, p.p.41-46.

Paúl, M. C., e Fonseca, A. M. (2005). *Envelhecer em Portugal. Psicologia, saúde e prestação de cuidados*. Lisboa: Climepsi Editores.

Peake, J. S. (2007). *Presidents and front-page news: how America's newspapers cover the Bush administration*. The Harvard International Journal of Press/Politics. Cambridge. v.12. n.4. p.52-70.

Peixoto, C. (1968). *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade...* In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). Velhice ou terceira idade? p.69-84. Rio de Janeiro: FGV.

Pereirinha, J. (1992): “*Pobreza e exclusão social: fronteiras conceptuais, relevância para a política social e implicações na sua medida*”, in *Análise Social*, nº102. Lisboa: ICS.

Pordata (s/d). População residente com 15 a 64 anos e 65 e mais anos: por nível de escolaridade completo mais elevado em Portugal. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+a+64+anos+e+65+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado-332>. (acedido a 1 de agosto de 2016).

Priberam. Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em 10 abr. 2016.

Quaresma, M. (2004). *Interrogar a dependência*. In M. Quaresma (Coord.), *O sentido das idades da vida: interrogar a solidão e a dependência*. pp.37-50. Lisboa: Cesdet Edições.

Ramsey, S. (1994). *Science and technology: when do they become front page news?*. Public Understanding of Science. London.v.3. n.1.p.71-82.

Reig, R. (1998). *Medios de comunicación y poder en España*. Barcelona: Paidós.

Ribeiro, E. (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. nº 4. Araxá: Centro Universitário do Planalto de Araxá.

Rosa, M. J.V. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Ed. Relógios D'Água Editores.

Rodgers, S.: Thprson, E. (1991). *The visual representation of individuals of different genders, ages, and ethnicities in the photographs of Los Angeles Times*. Comunicação apresentada à Visual Communication (EUA).

Rodrigues, AD. (1994). *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença.

Rook, K.S. (1984). *Promoting Social Bonding-Strategies for Helping the Lonely and Social Isolated*. American Psychologist, vol.39, pp. 1398-1407. American Psychologist.

Snchez, F. L.; Ulacia, J. C. O. (2005). *Sexualidad en la vejez (2 ed.)*. Madrid: Ediciones Pirâmide. socially isolated.

Shudson, M. (1978). *Discovering the news: a social history of american newspaper*. New York: Basic Books.

Shannon, R. (1998). "Introduction to the Art and Science of Simulation", in Proceedings of 1998 Winter Simulation Conference, D.J.Medeiros, E.F. Watson, J.S. Carson and M.S. Manivannan, eds.

Shock, N. W.;Norris, A. H. (1966). *Aging and variability*. Annals of the New York Academy of Sciences. vol.2, p.p.591-601.

Shoemaker, P. J.; A. A. Cohen. (2006). *News Around the World. Content, Practitioners and the Public*. New York: Routledge.

Soares, R.L. (1997). *Imagens veladas, imagens re-veladas: narrativas da aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo (1994-1995)*. Dissertação de mestrado. ECA/USP.

Sodré, M (1996). *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1996

Sousa, J.P. (1998). *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Editora da Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa (2ª edição revista e ampliada).

Tuchman, G. (1978). *Making News: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.

United Nations. (2002). *International Plan for Action on Ageing*, Madrid, UN. (2009), Population Ageing and Development 2009, Department of Economic and Social Affairs & Population Division, UN.

Ussel, J. I. (2001). *La soledad en las personas mayores: Influencias personales, familiares y sociales. Análisis cualitativo*. Madrid: Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales.

Vala, J. (1986). '*A análise de conteúdo*' in Silva, A.S.S. & Pinto, J.M. (eds) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Veja, J. B. (1999). *Desarrollo Adulto y Envejecimiento*. Madrid: Sintesis Psicología.

Veras R, Lima MA, Araújo TCN, Alves MIC, Sayd J, Figueredo MC, Vaena MLHT, Imbassahy M. (2001). *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UNATI.

Weber, M. (2005). Sociologia da Imprensa. Um programa de pesquisa. Estudos em jornalismo e Media, 2 (1), pp. 13-21.

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Yates, F. (1993). *Biological perspectives on growing old*. In J. Schroots (Ed.), *Aging, health and competence*. Amsterdam: Elsevier.

Young, J. E. (1982). *Loneliness, depression and cognitive therapy: Theory and application*. In L.A. Peplau e D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 370-406). Nova Iorque: Wiley.